

Versos de confinamento

Abel Ribeiro



Apresentado por

Meu Lado Poético 

Dedicatã³ria

*Dedico essa obra a Maria da Conceiç³o Santos Ribeiro e Raimundo Nonato Santos Ribeiro. Mãe e
irmão (IN MEMORIAN).*

Integrantes de mim, que moram em mim até o meu fim

Agradecimentos

Não posso ser injusto. Agradeço a todas as vozes que formaram minha personalidade poética até aqui, não caberia citações nessa pequena nota. Cada palavra que li tem algum sentido expresso nos meus poemas e crônicas.

Meu singelo obrigado!

Sobre o autor

Abel Ribeiro é Abelcio, paraense, natural de Abaetetuba, graduado em Ciências Sociais pela Universidade Federal do Pará. É professor, sociólogo, ativista social e nas horas vagas escreve poemas, crônicas e contos. Atualmente faz doutorado em educação na Universidade Federal de Santa Catarina.

resumo

Confinamento

Ponto de Chegada

Brindando palavras

Poema para Abelim Maria

De onde nascem meus versos

O colarinho branco

Minha defesa é o que eu escrevo

Da semiótica do ser

...domingo...

Estranho espelho

Os sentidos me falam

Escuta como ele bate

A chave que me abriu

E como não?

Insônia

Divórcio com a forma

Na esquina do sentimento

Dançar na chuva após a tempestade

Viajando

Janela lateral

Liberte a vontade

Insensata cegueira

Crônica da vida hoje

A vida tem solução

Flores e espinhos

O polissêmico

Tirei uma Cartola do Bolso

Procurando o sentido

A bolsinha da vida

Noturna narrativa

O extraterrestre

Amarguras

Palmas pra ignorância

Incoerências

Termos incongruentes

As feridas da vida

De improviso...

Ano em que não empinamos papagaio

Doce encontro

Da semana

Ele tá do seu lado!

O renascimento da esperança

Igual e universal

Solidariedade

O tempo

Cordel raça sem cismo

A vida: narrador e mediador

Alegria de ser

Canção da linguagem

Na sombra do sol

Vim da terra do “homem verdadeiro”

Casa necessário lar

Poema chorado 3 + 1

A utopia do “eu”

Morte na vida

Derivações perigosas

O espelho e eu

Dois haicais

Preguiça e emancipação

Contrasipoderando

Aconchego

Ele

Ba cana

Aconchego

Tudo se transforma

A poesia como questão

Ilusão descendente

Mar mansidão

O raio

O sino e a cidade

Novas querelas do Brasil

Relação

Ano de primavera na vera

Amor é relação

O dia em que a Mafalda chorou

Dominação invisível

O encouraçado

Na sombra da esperança. Por uma estética surrealista

Canta rolando

De amor e de esperança a terra sofre

Ponto de nascença

Estranho vulto

A bolsinha da vida

Bruxas pra que te quero

Como falar de amor

Memórias do confinamento

O Café e a poesia, doce romance.

Dois mil sentimentos

Dominação invisível

Devir...

Sofrer-dor

Produção, paixão e prisão

Infinito ser

A árvore da vida

Entre a vida, o amor e a morte

Ego imagem de si mesmo

Por uma vida...

Do quintal de casa

IMPRESCINDÍVEIS

Os mistérios meu e seu

Contra si dizer

Ingrata chuva

Indefinível dia

A felicidade dos pássaros

Em busca do caminho

A descoberta do meu tempo

Datado

Oito mais oito é maior que dezesseis

Esperanças e decepções

O divã do corpo

(Pri)vada (in)vade o mundo

Abcesso

Mais um na multidão

Solidão e paz

Encouraçado

Confinamento

Confinamento

Quando chegou o ser invisível
Até duvidei
Depois, o mundo começou a pesar.
Não podia abraçar nem sair
Meu próximo não podia tocar
Quando comecei a ficar em casa
Sala, cozinha, quarto, banheiro...
O dia inteiro
Comecei a me sentir ferido
O animal social que havia em mim
Ficou dividido
Quando percebi que os beijos foram proibidos
E o ambiente desinfetado
Fiquei magoado e até arrasado.
Mas tudo acabou sendo necessário
Percebi que o mundo queria me esmagar
Então...
Por horas saí do ar
Passei a me desligar
Desconectar
Procurar ar, olhar pro mar...
Palavrear, *reverbear* minha vida.
Foi então que descobri
Um novo amanhecer!

Abel, Florianópolis 30/03/2020

Ponto de Chegada

PONTO DE CHEGADA

Por Abel Ribeiro

Apertem os cintos, o velho mundo entrou em crise, começou a ruir.

O sistema da mercadoria pariu uma nova situação. O deus mercado parou!

Apertem as máscaras, é hora de pensar em sobreviver. Não vale a pena sofrer pela empresa se você pode morrer.

Aperte o bolso trabalhador, a força do seu trabalho é quem produz a riqueza. A máquina do sistema estacionou, pare!

A coragem não pode dar espaço ao medo, o patrão não pode tirar seu direito viver.

Amigo, irmão, pai, mãe, mulher, marido, tio... a ampliação do lucro não vale mais do que sua vida.

De novo, a crise bateu no osso seu moço e o Estado, ahhh tão vilipendiado pelo neoliberalismo tem que bancar a conta.

Aperte o cinto, a velocidade do vírus é letal, faz mal, é brutal e mortal.

Disso tudo, uma conclusão: a produção não parou pela greve

Parou por uma pandemia

Agora, sair de casa ninguém se atreve.

Até mesmo a burguesia

Sim! É preciso abrir o coração de esperança

A tempestade é sóbria

E como dizia Einstein: "é na crise que se aflora o melhor de cada um"

"Sem crise todo vento é uma carícia"

Levantar a cabeça e retomar a vida

Reinventando princípio da luta contra a ferida

Só quando há crise.

Brindando palavras

Poete-me

Cante-me

Compunha-me

Corrija-me

Prozei-me

Rime-me

Ironize-me

Me faça quebrar as palavras

Me faça um combo de rimas

Me diga como fala em prosa

Me leve ao caminho do conto

Me ajude a entrar na crônica

Me dê uma flor para compor

Vou-me embora na palavra

No seu infinito sentido

Na sua ambígua descoberta

Que se empresta e arruma

Desfaz e faz cantar

Vamos à sua casa

Lá tudo se pode escrever

Palavrão, palavrinha, palavrado

Palavresco, parafraseado...

Vamos até ela

Brindemos Fernando Pessoa, Florbela

Drumond, Brecht e Leminsk.

Brindemos Dostoievski,

Bebamos o vinho com Cecília...

Com Maiakoviski façamos a revolução

Em forma de amor pela vida na palavra vivida

Faz-nos gente, na mente inocente.

Destrua nossas feridas

Ai de nós sem o encanto da palavra...

Abel

Poema para Abelim Maria

Poema para Abelim Maria

A amiga de Cauby
Que adorava Dalva de Oliveira partiu
A voz de Babalu, gente humilde, cinderela
Que inspirou, Elis, Ney, Piaf, Gal, Milton, Cesaria...
Dormiu!
Deixando-nos a pensar numa janela
Do cantar romântico e deslumbrante
Que conheci no LP de meu pai
Mas que certa vez escutei na voz de mamãe
Dorinha, que também era Maria
Inigualável filha do seu Dico seresteiro
E que é a raiz dessa poesia.

Abelim se tornou Angela
Negra, operaria, a voz do radio
Não podia ter filhos
Mas foi uma andorinha que voou
Cantou como ninguém
O amor!
Sofreu! Porém adotou
Ângela, Lis, Rosângela e Alexandre
Se apaixonou, casou...
Como uma doce melodia
Não foi qualquer Maria.

Sua vida foi uma canção
É verdade!
Sinto assim todo o meu peito se apertar
Só de falar!
Por que aconteceu de repente?
Essa partida, não estávamos a esperar

Ahhhhh

Estamos felizes de lembrar...

Ela foi onipresente

Mas é difícil ver uma mulher humilde dando adeus

Que vontade de chorar....

Abel

De onde nascem meus versos

De onde nascem meus versos

Vim percebendo
Que quando acontecem coisas que me tocam
Escrevo!
Algo festivo, comemorativo, sentimental.
Do tipo perda ou vitória.
Escrevo!
Porque me brotam palavras
Formas de explorar o que sinto
Descrevo!

Nem sempre foi assim
Antes ficava preso
E agora tento transformar em poesia
Esse desassossego
Se é a inspiração que me diz sim!
Quem me leva a dialogar comigo
Ora! Porque não?
Por mim e pra mim
Transformar poemas em atrativo.

É meio mágico
É como uma necessidade
Uma bruxaria poética
Às vezes sem estética, sem rima e sem métrica.
Desvia-me, me distorce e me espanta.
Assim como me encanta
E me torna mais feliz.

Abel

Salinas 16.07.2019

O colarinho branco

*fui acostumado
a ouvir calado
que o pior bandido
é aquele de colarinho branco.*

*fui acostumado a ouvir conversas
que "bandido bom é bandido morto"
mas me parece pressa
pois se formos a fundo
na maioria do mundo
bandido "bom" é o do colarinho branco.*

*colarinho tá sempre bem passado
guardado e perfumado
as vezes comprado com dinheiro roubado
malas, cuecas, paraísos..
propinas, contratos..
os ratos se vestem*

*fui acostumado ver bandido solto
bradando que quer bandido morto
seu colarinho era branco e torto
ai vejo na tv
um negro pobre e morto
sem colarinho, sem caminho..
e que quase foi vítima de um aborto.*

*e a toga esconde o colarinho
sujo ou limpo? Branco!?
do julgamento justo ou injusto!?
dos que roubaram, mataram
e ficaram impunes na cidade
pela justiça dos colarinhos*

*que segue se mantendo sujo
a desigualdade.*

Abel Ribeiro

Minha defesa é o que eu escrevo

Uma crônica da angustia

No limiar do humano, nas situações mais difíceis, você é desafiado a se defender. Usa todas as armas ao seu alcance, visíveis, invisíveis; materiais e imateriais para combater seu inimigo.

Ai... canetas passam a ter mais valor, sacolas passam a servir mais, vidros, copos, toalhas passam a ter mais serventia. Se você é meio intelectual, livros lhe servem, se você gosta de correr, calçadas lhe servem, se você gosta de vento, janelas lhe servem.

O momento nessa hora lhe provoca e lhe questiona. Pandemia! Confinamento! Quarentena! Fique em casa! Ufa!!!

Mortes! Esse passa a ser comum no seu cotidiano. Enquanto isso eu durmo, minto, tento dormir, pra refletir e deixar de pensar no caos.

Diante dessa mudança eu passo a refletir sobre o tempo, sobre o meu texto, sobre o meu objeto. Afinal tudo ocorre no tempo, esse desgraçado possui uma concretude invisível e infinita, tem efeito material sobre a vida, gera valor nas coisas, mercantiliza a vida, faz nascer o mais valor e dele o homem faz do trabalho sua sobrevivência.

Hoje passei por uma pequena praia poluída, proibida de banhar, contemplei olhando na cara do horizonte. Isso no momento em que as coisas estão sendo proibidas, menos o meu ovo cozido.

Dai você procura uma diversão, encontra numa taça de vinho inspiração e nesse devaneio lhe vem Clarice Lispector na cabeça, antes que a cabelça esqueça. Puta que pariu, o tédio é fortuitamente imposto nesses tempos de incerteza.

Nesse exato momento estão nascendo crianças, nesse momento há um cuidado maior com elas, pois nascem onde o vírus circula. Crianças de dois, cinco, sete, setenta, oitenta anos correm risco. Coitados dos nossos vulneráveis, loucos, esquizofrênicos, cochos, loucos, mudos. Muita gente precisa de você.

Tudo passa a ser incerto nesse momento de crise. Freud institui no seu repertório a figura do estranho, ai você para e pensa, eu sou um estranho no mundo? Quem sou eu? Na família somos visto de uma forma, na escola de outra, na festa, no cemitério, na universidade, no shopping, na praia... Somos uma semiótica do não ser.

Estranho!!!

O que conhecemos ou dissemos que conhecemos nos assusta também. Às vezes mentimos pra nos mesmos. Como? Não era assim; que epifania é essa? Minha nossa, como entender o outro?

Pare um momento preciso rir.

O mundo dos humanos é uma avenida cheia de carro e carregada de multidões. Todos os complexos estão ali. A onda é mais ou menos assim? Será que o cachorro não tá preocupado com a saída do seu dono de casa? A missa e o padre devem estar preocupados como perdoar os pecadores do supermercado, da balada, da cerveja, da sexta, que inclusive ainda nem tá rolando. Até o sexo ficou meio no escanteio nesse picadeiro da crise.

E o tempo vai passando. E como é o amor nesse tempo? Faz-se amor tranquilo nesses dias? O que te deixa feliz? O hoje ou o amanhã? Tem coisa que lhe faz feliz e que você nem acreditava: uma goiabeira, um suco de goiaba, o feijão gostoso temperado na panela de pressão, um vinho seco...

Desde as primeiras horas da manhã você pensa no que fazer, para um louco quase doutor que quer se refazer, a leitura é a redenção. Sem ler não há vida, em 24 horas no mínimo quatro é dela. Senão vai parecer que estamos sangrando, pois a vida passa a não ter sentido. Até a relação com o computador, mudou, passou a ser mais utilitária, necessária, loucura!? A mercadoria passou a humanizar o homem. Que horror!!

Nessa onda do vírus, assisti o filme do Ken Loac "Você não estava aqui". Tocou-me bastante, me lembrou do existencialismo sartreano e a desgraçada da uberização forçada dos trabalhadores perante a crise capitalista.

Como diz a gíria, é muita onda. Eu que vim do norte para o penúltimo estado do sul estudar me deparo com essa palhaçada. Nasci e me criei em Abaeté e muitas vezes ouço vozes do passado batendo na minha romântica consciência pela memória de minha infância e adolescência.

Com a cabeça no travesseiro faço muitas vezes minha filosofia aflorar. Porque estou aqui? Quem sou eu? Sou um maluco meio desconfiado com a vida, meio inconformado com essas maluquices do mundo humano.

Enfim... as vezes deixo louças sujas na pia. Quem nunca deixou? Em geral fico por horas pensando no devir, no amanhã.

Acho que nasci de novo. Mas já afirmo novamente, talvez amanhã eu morra por algumas horas. Pronto! Agora não esqueça que eu tenho uma vontade de viver que a vida me serve como um alimento e para superar esse momento até utilizo o otimismo dos outros como fermento.

Gosto de rir e acho isso muito importante. Mesmo não vendo uma piada no horizonte dialogo como meus segredos imediatos sobre a loucura e a minha imaginação. Desculpe, agora vou olhar as estrelas.

Abel

Da semiótica do ser

O olhar se faz na convivência
Na vida do tempo presente
Supera toda aparência
Quando a imperfeição humana
Ergue-se contra a inocência

O verdadeiro sentido do que é
Seja homem ou mulher
Mora no detalhe do ser
E no labirinto da dificuldade
Revela-se como pode ser cruel
Admitir a verdadeira verdade

É um instante de ver e viver
Viajar, vociferar e aprender
Vai haver fatos em você
Que lhe nega e lhe rouba
Num verdadeiro sentido
Que engasga seu verdadeiro ser
Do DNA de que lhe está envolvido.

Abel

...domingo...

chega como cigano
faz parte do plano
é pouco, uma vez na semana,
quatro e até cinco no mês
singular e diferente no ano

parece, mas não é!
você
dia de ócio, passeio e recreio
dia de cinema ou teatro
de olhar o retrato.

escureceu, amanhã é segunda
vejo aquele programa das nove horas
de novo você?
bate na minha porta e anuncia o amanhã
o compromisso de outrora
de ter que me ajoelhar
para o passar da hora..

você nos emociona
você nos pressiona
a sua força é sã
vai e vem
a rua tá vazia
não vejo mais ninguém

adeus domingo
amanhã volto a trabalhar
te espero daqui há seis dias
sei que irás voltar
sábado a noite

quando eu tiver num bar
convido-te
a me chamar

sei que és majestoso
és liberdade e pressão
estás em ti glorioso
é um de sete primeirão
renasce no horizonte
como um rosto bifronte
que a alvorada me traz
de modo voraz
até o amanhecer.

foi um prazer
até amanhã
nos encontramos domingo que vem...

Abel

Estranho espelho

eu
não
olho
coisa
alguma

lutando
pensando
sobre mim
contra mim
para mim

se o outro tá em mim
como a flor e o jasmim
me vejo como pássaro
voando e procurando
o brotar do alecrim

as vezes escrevo versos
para acalmar minh'alma
para subverter meus reversos
envolver meu corpo
na descoberta do meu ser

outras vezes sem saber
persigo a verdade
mesmo arriscando perder
o problema de reconhecer
minha limitada incapacidade
de encontrar o prazer
quando me saber.
Abel

Os sentidos me falam

Perdi a noção...

Do tempo

Da hora

Do amor

Ouvi alguém dizer...

Paixão

Loucura

Razão

Não escutei ninguém falar...

Por que?

Quando?

Onde?

Assim continuam a divulgar

Aparências

Ilusões

Mentiras

Cheira coisa

Podre

Corrupta

Fétida

Toquei em mim

Me toquei!

Olhando pra mim

Até quando?

Até quando?

Abel

Escuta como ele bate

Meu coração bate todo dia, hora, minuto, segundo.

A depender do dia, ele bate mais ou bate menos, às vezes a depender da emoção

Até acelera, depois se acalma como a tarde na beira do rio São Francisco.

Procuro cuidar dele com carinho, até caminho pra mantê-lo sempre em sintonia.

O liquido vermelho que corre no seu interior, percorre minhas veias como corredeiras que nascem nas montanhas.

Quando me olho no espelho, me vejo no meio do desejo, a saber.

Por que tudo de grande na vida tem como partida o nobre coração.

Bate, bate, bate, ele não para.

Silencio, escute... Em tem um formato de mão.

É responsável pela paixão, pela razão e emoção...

Pulsa como bomba. Ele é a engrenagem dessa leve crônica .

Nesse instante injeta sangue pra minha cabeça

E antes que eu me esqueça, faz que escreva

Com pulso, como pulsa meu coração.

A paz invadiu meu caminho nesse instante,

Fez-me sair de mim e colou na minha mão esse verso de acalma.

Terapias cardíacas de palavras, coronarianos sentimentos de prazer.

Longe dos lamentos, das tensões e mágoas

Faço meu sonho acontecer

Sei que um dia ele vai parar, mas enquanto ele continuar a bater

Eu vou fazer o que eu puder pra alegrar o coração de você que me lê

Até porque meus versos se encontram com ele sempre

Que um novo batimento dá sentido ao meu ser.

Abel

A chave que me abriu

Descobri um tesouro guardado em mim
Escondido por anos no subterrâneo do meu ser
Preso as correntes da vida
Que arrebutaram num novo amanhecer

Nesse tesouro escondido
Versos, rimas, vozes e sinas
Transformaram meu alarido
Em ouro que transborda minha mina

As corredeiras destruíram as margens
Nenhum homem banha-se 2x no mesmo rio
O movimento abriu passagem
A chave da esperança rompeu o vazio

Meu olhar sobre o mundo
Fez-me renascer nessa querela
Voltei a sentir o gosto oriundo
Da poesia presa lá no fundo
Que em mim se abriu numa janela.

Abel

E como não?

E se eu cantar!
E soltar a minha voz!
E dizer o que é amor!
E me fazer um grande orador!
E lhe dizer um segredo!

Como eu faço pra me libertar?
Como eu faço pra não chorar?
Como eu canto a vida?
Como eu curo a ferida?
Como eu faço pra gostar?

Não me deixe sem chão!
Não apague meu rojão!
Não espante meu irmão!
Não me diga pra parar!
Não me faça maltratar!

Poderia ser bom ou não?
Poderia ser feliz ou não?
Poderia ser pequeno como um grão?
Poderia ser amargo sim!
Poderia ser doce pra mim!

Ser sempre o que é!
Ser como a vontade!
Ser a dor e o desejo!
Ser contrario a maldade!
Ser a busca da verdade!

Abel

Insônia

As vezes eu não consigo pensar uma só coisa ao mesmo tempo na noite, minha cabeça fica a mil por horas, me sinto como um baralho espalhado na mesa tentando me arrumar, ora uma carta, ora outra, descarto, compro, volto a pensar pra firmar um jogo e bater. Verdade, a cabeça parece um impressionante labirinto, estranho caminho dos sonhos que nem sempre está de olho fechado. Freud pode ser um alento nesse momento, a minha auto psicanalise parece a leitura da minha imagem que me faz escrever, me rever, me reler o mundo em mim. Ora de sair da encruzilhada. Até então minha individualidade espalha pela minha mente múltiplos pensamentos, vozes e palavras me soam. Um abismo vai me roendo por dentro e me fazendo amanhecer. Esqueço o compromisso, quebro as amarras do cotidiano. Não sinto dor, nem tristeza, acabo como um terapeuta de mim que vai fazendo com que meu interior funcione como entropia infinita da minha insônia. No fundo todo esse drama acaba de me acordar novamente.

Abel

Divórcio com a forma

.... diálogo com a estética de Bukowski
meio abatido, meio interrogativo e isol
ado no quarto, acordo e procuro entender o relevo da cidade.
Numa manhã de clima quente, olho pra cobertura de um prédio de clas
se média e penso "nossa, vocês estão bem melhor que a maioria do povo", pas
sa uma moto barulhenta, poucos carros na rua,
uma pizzaria fechada e as casas em silêncio... derrepen
te, um leve barulho de uma roçadeira de grama, meio desconfor
tável e chato.
décimo sexto dia de confinamento, já ligo a tv para saber das notícias locais, mas no fundo me
interessa mais as nacionais e interacionais. Flórida
nópolis tem uma geografia meio excludente
e nesse outono ainda é quente.
penso na praia, na família, na tese que ainda está esperando
um imponderável acontecimento. no quarto a prole dormindo, à janela fui pegar uma brisa, refletir
um pouco, sobre a quaren
tena e quanto tempo terei que aguentar em casa a pandemia.
o mundo não será como antes depois do covid-19, tô pagan
do pra ver como o capital vai se recompor, tudo tá meio indefin
ido, sem ainda um significado meio = uma sinuca ou xeque, ainda não é mate. cavalo, bispo, peão,
as peças do xadrez, alguém vai cair. jogo da # ficou de lado, mas a porrinha do J. Bolsonaro com
suas merdas
1, 2, 3, 4, 5... vai ter fim.
Porém até o momento, esse jumento
Tá com rumo incerto! Receberá xeque mate, cairá!?
várias preocupações repousam na consciência,
como sairá a classe trabalhadora dessa tempestade?
ahh.. tempestade, ligo o computador e escuto a música do Creedence,
Have You Ever Seen The Rain, numa aula de inglês on line
começo a viajar na letra e enquadrar toda a situação a ela.
minha mão ora no computador, ora nos compromissos da casa,
limpeza da geladeira e lixo na lixeira.
A divisão de tarefas não apagou a música da minha cabeça, vai uma parte aqui:
Alguém me falou há muito tempo

Que há uma calmaria antes da tempestade
Eu sei, vem vindo há algum tempo
Dizem que quando terminar
Choverá num dia ensolarado
Eu sei, brilhando como água
A tempestade (Renato Russo) que se está vivendo
não avisou o dia do começo e nem anuncia o dia do fim.
Mas eu tô verdadeiramente querendo
Sair dessa crise sorrindo de mim e pra mim
Sem ver minha classe morrendo
Escuto longe a música da Enya, parecia vir da casa da vizinha do térreo,
New age me acalma e novamente me volta a perguntar:
qual vai se a dinâmica dessa merda? será que se abre uma situação revolucionária mundial?
como a consciência da classe se comportará?
Será que que a classe trabalhadora percebeu que sem o seu trabalho o sistema não funciona? Só
sei de uma coisa: os patrões estão desesperados, tentando leva-los de volta ao trabalho. Sórdidos burgueses.
Vai terminando a manhã e penso em escrever
Pego o livro do Bukowsky - "Tempestade para os vivos e para os mortos"
Me ajuda a não sofrer.
Leio os poemas "as condições" e "porq tud se sgota" me sirvo deles
Para terminar essa verve crônica
"Sob as condições do sol
preparo-me para largar
o labor, a dor e qualquer
honra que reste"
Abel

Na esquina do sentimento

Sentimentos puros e lembranças sinceras ocorrem nos detalhes da vida. Mesmo que a distância e a ausência lhe furtem o abraço e o beijo, é no tempo, no vento, no alento de um exato momento que os nostálgicos alcançam seu desejo.

Quando um objeto qualquer, uma mensagem, uma canção toca no íntimo do seu ouvido, vira uma ação, provoca reação que se tiver força torna-se virtude e se transforma em atitude que faz nascer a criação.

Assim vive o artista, memórias, olhares, sons, toques, desejos, vontades. Nele a mão é o instrumento da transformação, da criação e da sublimação.

No mundo dos humanos, tudo que é de coração, trás satisfação, ainda que as barreiras da vida como o tempo e a distancia lhe furte e o separe, é gratidão.

Os gestos valem mais do que mil palavras, e quando são gestos de coração, viram pérolas, tornam-se diamantes inquebrantáveis que fazem romper a solidão, transformando pão em remédio, numa verdadeira alquimia da vida contra o tédio.

Não há felicidade eterna nesse mundo hermético, ora é patético, multiétnico e antiético. Há momentos, vários, muitos que levam você ao ato feliz mesmo andando na contramão.

Abel

Dançar na chuva após a tempestade

*Quando tudo isso acabar!
Vamos nos refugiar no meio da multidão
Viajar nas palavras e na canção
Andar na contramão da solidão
Cantar e viver com mais compaixão*

*Quando tudo isso acabar!
Vamos abraçar os amigos e parentes
Tomar banho de sol recitando o presente
Isolar-nos quando for convincente
Tornar o mundo mais inteligente*

*Quando tudo isso acabar!
Vamos passear no bosque
Livrar os homens e a natureza da morte
Sentir a pureza do vento
Curar, desinfetar todo o rebento.*

*Quando tudo isso acabar!
Vamos odiar mais o ódio
Dançar na chuva e cantar
Valorizar a arte e a inteligência
Transformar o tédio em paciência*

*Quando tudo isso acabar!
Vamos esquecer a guerra
A estupidez monumental
Que aprisionou a capital
E abalou toda a Terra.*

*Quando tudo isso acabar
Vamos reinventar o modo de ser*

Recuperar o tempo perdido

Plantar a amizade, a justiça e o respeito

Derrotar o egoísmo, a vida tem jeito.

Abel

Viajando

À caminho de Portel (Baixo Tocantins)

O sol se pondo
Olho a folha flutuante caindo no rio
De margem distante como a Baia
Leva-me a apreciar pessoas e bagagens
Conversas de viagem a favor da maré
Peço passagem rumo ao navio

Tomo o barco ao entardecer
O vento no meu rosto
E na face do prazer
Faz-me refazer com gosto
E depois do anoitecer
O amanhecer abre-me o gosto de viver

A noite cai e o barco vai
O vento bateu no meu rosto
Navegar é preciso como nunca
Pensamento no Divã, viver é preciso
Das histórias de meu avô Domingos
Contadas sob o olhar atencioso dos netos.

Eu viajando
Partindo pelos rios que corta a Ilha
Eu novamente sonhando
Solitário, olhando-me, observando...
Redes balançando e no espaço pequeno
Povo arrumando seu pedaço.

Eu acredito na força do vento
Na cura das dores da vida e da ferida

Como a correnteza que tudo leva
Sem nos pedir licença
Deixe o vento lhe tocar
Viaje na força do rio e do mar
Ele está bem ali perto de você.

Abel Ribeiro

Janela lateral

A chuva cai lá fora
Olho da janela!
O sol ardente lá fora
Olho da janela!
Carros passam...
Ele quer me pegar
Penso na janela!

A doença tá se alastrando
Bate-me a indignação
Olho pra janela!
Nunca pensei tanto na janela
Agora me esperem
Vou bater uma panela
Sem esperar nenhuma novela!

O inimigo é nvisível
A janela também era
E agora passou a ser meu olhar pra rua
Aquela estreita janela
Depois de quarenta dias em casa
Ela parecia o Oráculo de Delfos
Onde a convesa com os deuses
Em cotidianas reflexões matutinas
Virou terapia, segredo e poesia.

Abel Ribeiro

Liberte a vontade

Chegou setembro, uma nova primavera se abre novamente
Começou a discussão, o debate e a apresentação
A ciência liberta nossas mãos
A vontade não é só o conhecer
O colóquio, uma conversa, é sentir a transformação do ser.

É hora de fugir da paralisia
O medo e o descrédito não são remédios
Palavras e pesquisas são pedras preciosas
Façamos o que a nós diz respeito
Nossa força é romper o tédio

Veja ao seu redor
Há muitas coisas acontecendo
Anime-se há gente nascendo
Anime-se!!!
Aos conservadores nenhuma trégua.
Arrastemos corações e mentes
Das trevas que ameaçam esse momento.

Eis que surgem vozes na academia
Deixemos a paralisia, virgula!
Para os combatentes é ponto em seguida
Corramos atrás do rumo de nossa vida
Livros, lanças, pedras, machados...
Movem nosso sonho e esperança todo dia.

Eles não leram Marx
Mas podem entender a mais valia
Seus livros fazem parte da vida e do dia a dia
Suas mãos calejadas desejam igualdade
Mesmo com sua vã metafísica

Quando querem, transformam sonho em vontade.

A política é um campo da ciência
Não tenhamos inocência
É um espaço em disputa
Não há vazio, comece sua labuta
Não se preocupe com essa luta
Almeje, persiga a coerência

A universidade corre perigo
Meu amigo, o Brasil ta em disputa
Não deixe sue sonho estudantil
Tropeçar na neutralidade fajuta
Dos epígonos de mundo vazio.

Não deixe o cotidiano lhe cegar
Combatamos os tiranos que aparecem na TV
O amor ao próximo abriu a porta a você
Rasguem e protocolo e carregue no seu colo
Assim... a humanidade tende a crescer

(Para o colóquio de Políticas Públicas do PPGED - 2018)

Abel

Insensata cegueira

Não vejo nada às vezes
De repente me surge uma lente
Sem contato e invisível
De imediato vejo um detalhe
Que até parece risível.

Meus olhos...
Às vezes vermelhos
Outras vezes embasados
Apagam o vulto do meu lado
Que eu não vejo no espelho

Olho com os cantos dos olhos
E deveras não vejo
Ou vejo e não olho
Cuidado! Não tropece em mim
Sou míope, mas às vezes vejo o jasmim

A cegueira dos homens que enxergam
É a pior que há
Desnuda seu cérebro
Apaga sua crítica
Destrói seus sentimentos
Mesmo ele vendo e revendo
O mundo jogado ao relento
Não consegue se libertar.

Há pessoas que nascem cegas
Mas há aquelas que se tornam cegas
As que nascem cegas veem mais
Veem com ouvidos, olfato, tato..
Imaginam o retrato e seu distrato

As formas lhes são demais

O cego que não se enfrenta com seu sentimento

Torna a aparência o próximo acidente

Os fatos batem nos seus olhos a todo o momento

Mas ele vive do lamento

E as vezes sem seu alimento

Olha, olha, mas não vê

Que o seu sofrimento

Reside muitas vezes naquilo que ele crê.

Abel

Crônica da vida hoje

As coisas e objetos só tem sentido com o sentido que damos a elas. Nesses dias longos de aflição e ansiedade vão surgindo novas necessidades. As mãos, os pés, a cabeça, os olhos, o corpo são elementos naturais e sociais que vão se adaptando. Será que Darwin tinha razão? Desejamos sempre pegar, andar, pensar, ver, falar como forma de associar nosso desejo a nossa vontade. Queremos sair, mas não podemos, a vontade é moldada pela necessidade. A nossa angústia não nos faz perceber muitas vezes que o cotidiano entrou em crise e que ficar em casa passou a ser obrigação.

Interrogações múltiplas vão surgindo. Ora um apelo ao metafísico, ora ao físico, ora ao futuro. Porque tô preso? Não sou culpado? Então, de quem é a culpa? Do homem enclausurado? Se o vírus é uma mutação da natureza, forte e imprevisível, parece então impossível que essa pequena fortaleza seja uma produção natural, então vamos viver pra crer.

Alguém se indaga em algum lugar:..

"Acho que tem dedo humano nessa história...",

Guardemos na memória e lembremo-nos de cada detalhe do que estamos passando. Essa é a certeza que temos, vai passar! Doenças também são produtos da sociabilidade envolta das desigualdades históricas que há séculos não se alteram e formam a dinâmica da vida em grupo. Não é algo transcendente.

E morcego no meio da culpa. Sozinho! Mas é injusto torná-lo o ator principal. O homo sapiens tem culpa no cartório. Batman esconde por trás da máscara um "herói" de mentira e que não é tão especial, combate o "mal" num mundo tão anormal que até ontem estava matando o mundo animal de forma brutal. Tem gente se espantando com o aparecimento da flora e da fauna em alguns lugares. Lembraram do clima? Do aquecimento global? Hummm!

Esse polissêmico e invisível C19 escangalhou o mundo, o capitalismo tá quebrando a cabeça. Antes que eu me esqueça, as fortunas viraram pó sem o consumo, mercadorias perderam o valor e os mais ricos do mundo ficaram moribundos. Eles também perderam parentes e irmãos. Desculpem! Mas o dinheiro não comprou. A dimensão suicida da ignorância deu lugar a dor.

Mesmo aquele homem branco, adulto, branco de cabelo desarrumado que governa um país da Europa se quebrou perante o pequenino. Não há Golias, ele tem sido o Davi, tamanho não é documento. Nesse momento que escrevo não sei se devo, mas me atrevo a dizer que há muitas vidas em jogo. É por isso que o país do futebol parou a partida, mas a verborragia suicida do seu presidente continua aquecida e um tanto homicida. Será que o promíscuo lucro não tem culpa?

Que mundo é esse? Já tinha visto alguns filmes parecidos. A gente sempre acha que nunca vai acontecer conosco, ficção virou realidade! Não sei, mas na minha terra idade, a vida é tudo. E quem não gosta de viver? Mesmo sabendo que um dia vamos morrer prolongar a data é sempre a medida mais sensata, por isso que o jeito é escrever.

"A vida só é possível reinventada"

Abel

A vida tem solução

Depois de muito tempo
Cheguei a uma conclusão
Que os homens
Nascem, vivem e morrem
Num tempo que passa como um tufão
Que arrasta dias, semanas, meses e anos
É feito de dores, risos, saudades e solidão.

Na vida você aprende o certo e o errado
Comemora o dia do nascimento
Erra sabendo que faz mal
Acerta de forma desigual
Vive um problema aqui e ali
Que lhe deixa triste e feliz
Ohhh vida ingrata
As vezes fica por um triz

A vida é um problema
De matemática e de física
De família ou de doença
De amor e de ódio
Do cotidiano e do mesmo
Que lhe droga como o ópio
E lhe tira da encrenca

Há dias que você ta feio
Noutros bonito
Num mesmo dia curioso e descrente
Algum mais otimista
Em algum mais charmoso
E nas perdas dolorosas
Percebemo-nos descontentes

Viver também é sorte
Muita coisa depende dela
Do nascimento à morte
Da família e do presente
Decifra-te, procure um esporte
O corpo sempre sente

Ser feliz é o que se busca
Mesmo com medo da morte
Uma faca de dois gumes
Faz de tudo esquecer
Seu resultado surpreende
Como um rosto sorridente
A paz que é viver.

Os homens são estranhos a si mesmos
O mundo é sempre surpreendente
A casa é um espaço dormente
A noite e o escuro trazem medo
O dia e o sol lhe encorajam
Transforma o viver numa nova semente
É tudo que você precisa bem
Contra a solidão do momento presente
A morte não tem solução, mas a vida tem.

Abel

Flores e espinhos

Humanos são de fato que nem gato,
Muitas vidas pedras no sapato

Humanos são seres de amor e ódio
Matéria de dor, prazer e ócio

Humanos parecem certeza e *incerteza*
De ser e não ser com *firmeza*

Humanos são como um galho fraco
Quebram no primeiro grande fato

Como funciona a humanidade?
Como são seus passos e imagens?
São contraditórios mesmo tempo?
Eles choram de alegria, riem de *tristeza*
Negam a si mesmos, falam de si mesmos
Comem no mesmo prato e na mesma mesa

Então...
O homo sapiens
É um doce paradoxo
Um amargo negócio
Que se descobre no ócio
Vendo, vivendo e sofrendo
Dia e noite; frio e calor
E o sol nascendo.

Não...
O "homo herectus" não é perfeito
Possui uma razão "in natura"
É uma doce criatura
Ser indolente e silente

Sapiente e demente
Que inveja e mente
E às vezes contente
Anda na contra mão
Briga com o irmão
E depois vira gente.

Amanheceu...
Nasceu outro homem
Sofreu de novo
Amou de novo
Morreu de fome
Morreu sem nome
O novo velho homem
Virou lobo do homem.

Abel

O polissêmico

*Ele é invisível, insensível e imprevisível
Multi sintomático nos seus sintomas
Indiferente e hostil lhe proíbe o abraço
Provoca cizânia, afasta você das pessoas que gosta
Não é filme de terror, mas lhe provoca um estado de medo
Desnuda sua vontade de vestir aquela roupa
É outrora filosófico, pois lhe provoca várias dúvidas
É egoísta, não abre espaço pra alguns medicamentos
Atemporal, não tem hora nem idade pra atacar
Não escolhe classe social
Não perdoa nem médico ou governante,
Tem um feitio falso, faz você pensar que não tem,
Mas pode ter e não seguir adiante.
Dissimulado, mostra uma coisa que não é!
Tira o equilíbrio emocional
E faz você se questionar se tá mal
É um esculhambador geral! Proibiu o sexo
Escangalhou o mundo de Raimundos e Marias
Mudou a despedida, o enterro e o ritual
Limpa tudo! Desinfeta! Lava!
Trouxe angustias e inseguranças
E como toda polissemia, deixou solto no ar
O desafio humano de mudança
A possibilidade de um novo pensar
O significado da ESPERANÇA.*

Tirei uma Cartola do Bolso

Já sabemos o rumo que iremos tomar?

Chegou a hora de lutar, afrontar

Discutir e confrontar.

Reagir, se guardar para voltar

A saber, recomeçar

A criminalidade, a corrupção, o desemprego.

Lhe tirou seu sossego

A insegurança e esperança

Entraram na sua casa

Mas você as expulsou

E gritou bem alto

Sai ressaca

Mal começastes a conhecer a vida...,

Dos mercadores da alma,

Dos sabotadores da crise.

Do capital financeiro

Da falta do dinheiro...

Falsidades de todo o tipo

Do tal vale tudo eleitoral

Onde até o Steve Bannon trivial

Ganha dinheiro em demasia

Roubar mentes e corações

Com a política da demagogia.

A ... 19

Vai triturar teus sonhos tão mesquinhos

Corra atrás do alimento

Alguém tá rindo de você

Lave sua mão

O sujo é ele

Ilegal, corrupto, predador

De pobres
Não ceda, não deixe ele te infectar
Fuja do pecado

Em pouco tempo não serás mais o que és

Verás as mentiras que acreditastes
Abraçarás pessoas honestas
Jogarás fora o lixo
Partirás totens e mitos
E fará da família teu ombro amigo.
Que brigastes no passado

A história tem na mão a verdade.

Vai triturar teus sonhos tão mesquinhos

No ano zero nasceu Cristo
2018 o ano em que começou
2020 o ano da encruzilhada
O pesadelo ainda não acabou
A verdade ainda é mistério
Força! O tempo fará brotar novos sentimentos
Longe, muito longe do cemitério

Preste atenção o mundo é um moinho...

Dá mais voltas que imaginas
Tem milhares de ideias em volta
É capaz de destruir os absurdos
E mesmo da estrela que te guia

Não, não estás à beira do abismo

Não cavarás buracos com teus pés
Verás que há futuro pela frente
E com vida depois que tudo acabar
Mesmo sem dinheiro você vai retomar
A aprender e reaprender a amar

Procurando o sentido

É (claro)

Foi (sim)

Mas (porque)

Como (aconteceu)

Pode (ou não)

Um (dia)

Ali (na rua)

Falaram (besteira)

Não (comunguei)

Sim (asneira)

Opa (loucura)

Que (coisa)

Bom (dia)

Vida (legal)

Tá (sol)

Bem (ali)

Abel

A bolsinha da vida

A vida é como uma bolsa
Guardamos nela tudo que podemos
Mas como nem tudo bela cabe
Escolhemos o que colocar sobre ela
As vezes a esvaziamos
Colocamos tudo fora
E novamente a enchemos
Como água na panela.

Guardamos tudo na bolsa da vida.
Acontecimentos, momentos, tormentos, sofrimentos...
Bons e ruins!
Uns de mais, outros de menos
As vezes invejas, ciúmes, orgulhos...
Tudo nessa bolsa tem espaço
Guardamos, cuidamos e descartamos
Como papel amassado

Há espaço pra tudo nela
Amizade!
Solidariedade!
Amor!
Mas com o tempo ficam somente
O que é de nossa vontade.
E do nosso sabor.

É uma bolsa de Pandora?
Não!
É uma bolsa valiosa
De couro, com alças e um laço
Que combina com a roupa
As vezes caindo do colo
Cegando seu modo de ver

E não entender seus espaços
Confundindo sentimento com lamento
Amor com ódio
Dor com prazer
A bolsa não é feita de aço
Organize de novo a bolsa
Em cada compartimento
Organize os sentimentos espalhados
Amontoados
Que surgirá um novo momento
E o amanhecer lhe trará
Uma primavera de infinitos nascimentos
Que na bolsa da vida ficará guardado
Abel

Noturna narrativa

O dia acabou
Fecho as janelas
Desligo as luzes
Enrolo-me no escuro do silêncio
E vou em busca do sono

A noite pairou
Acordo na madrugada
De olhos abertos
E coberto no lençol
Olho pro teto
A encontrar meu inconsciente

Um espanto me tomou
Diante de um pesadelo
Quero correr
Logo vejo o precipício
Acordo e começo a renascer

Ainda não clareou
Custou a amanhecer
Meus olhos pesam novamente
Volto a adormecer
Agora pós pesadelo
O significado é amanhecer.

Abel

O extraterrestre

Um extraterrestre visitou a Terra
No período da pandemia
Seu disco voador
Deu-lhe uma visão privilegiada do planeta
Via tudo de várias dimensões
Ficou maravilhado com o azul dos mares e oceanos
Ficou impressionado com tamanha poluição
Assustou-se com o poder do vírus e da ignorância da multidão
Viu a destruição da camada de ozônio,
O aquecimento global e o desgaste geral.

Ele não entendeu como poucos homens tinham muito
E muitos não tinham nada
Não compreendeu como poucos tinham muitas terras
Enquanto muitos não tinham terra pra habitar
Tentou entender porque os índios precisam defender suas terras
E porque muitos não têm casa pra morar
Achou estranhando só conseguir bens por meio do dinheiro
Viu animais perecendo a extinção
O ar dos terráqueos comprometido
A ciência sem o espaço merecido

O extraterrestre não usava roupa
E se impressionou com tantos tipos que os humanos usavam
Se espantou com sapatos, pois, no seu mundo não havia
Sabia como matar o vírus, mas ninguém sabia que ele estava ali
Sabia que os humanos achariam a cura, pois estava a não luz na frente
Como morava noutra galáxia
Estava a procura de algo igual a seu mundo
Mas percebeu de imediato que os mortais
São os mais insensatos e contraditórios que já viu
Devastam seu próprio mundo
Matam, se matam e se destroem

Em nome de ter e não saber o que fazer

O extraterrestre não era extra de si

Não era mercadoria nem coisa

Que via no mundo terrestre

Com água em demasia e terráqueos morrendo de sede

Sem água pra se lavar

Viu o globo azul adoecer

Sem saber o que fazer

Foi embora pra seu planeta rever

Amarguras

Quem nunca sentiu?
Ela lhe apanha de surpresa
É veloz e fugaz
Arrebata com sua natureza
Como um lobo mordaz
É lanha e desilusão
Forte e muito costumada.

Ninguém é imune a ela
Ela é dor de ressentimento
É quebra de um momento
Mudança de um alinhamento
Com uma pessoa por ela
Má goa um acontecimento

Nela...
A pedra mais dura, quebra
A água mais mole, endurece
O sol mais quente, esfria
A noite mais escura, amanhece
O homem mais alegre entristece.
E até o concreto amolece

Ela sempre aparece
E como veio me emudece
E mesmo assim nenhuma prece
Boa me parece, mas passa
E minh'alma adormece.

Vou voando pra longe dela
Tentando renascer de novo
Andando por uma ruela
Falando bem alto

Deixe de apertar o meu sapato
Amolece esse fio apertado
Que inflama meu calo.

Afasta-te de mim
E me faz um favor
Jogue suas cinzas para o céu
E empurre essa dor
Naquele tonel incolor
Desgosto
Resgata meu amor
Dessa vida é doce e cruel.

Abel

Palmas pra ignorância

Um espetáculo a parte
Show de horrores
Como se produzem humanos
Com tantos dissabores
Oh... pobres seres insanos

Saudação a estupidez
Agradecimento a deseducação
Palma pra um senhor messias
Com a mesma mão que trabalha
E lhe emporcalha com heresias

As mãos calejadas pelo trabalho
Agora transmite doença
Seja macia ou bem tratada
Pega alguém sem indiferença
É a mão da batucada

Não sairá barato seu ato
Não pense que é abstrato
Vai virar pedra no sapato
Vai cobrar pelo seu boato
Que olha a morte e o retrato.

Abel

Incoerências

O silêncio dos homens
Nem sempre lhe cabe
Cúmplice se invade
Vira maldade
O silêncio da natureza é sincero
Como o barulho do mar
São verdadeiros e naturais,
Mas quando a vontade é sonhar
Silenciar leva a acovardar.
Torna-se conveniência
E se disfarça de aparência
Pois enfeita o opressor
Na dor do oprimido
Que nem tem comprimido
Que lhe traga amor
Silenciar é humano
Silenciar diante da injustiça
É desumano!
A palavra tem força
A força é o princípio
Natural e social da mudança
Mostre sua pujança
E aponte sua coerência
Aos ignorantes maledicentes
Fale, grite, solte o verbo
A verdade sempre pede ajuda a palavra.

Abel

Termos incongruentes

Há um discurso meio acadêmico, meio científico que se utiliza de prefixos como NEO e PÓS com sinônimo de *novo, para além, superação*. Nada mais enganoso. Passado, presente e futuro são termos inteiramente relativos, portanto as palavras possuem o sentido que damos a elas.

A dialética e seu método são inteiramente atemporais, por isso pressupõe a presença do passado no presente, e do presente no futuro. O pensamento da antiguidade clássica passou por mil anos segregado e voltou depois com o nome de renascimento, teve um sentido "novo" e "velho", do passado que ganhou vida no presente.

Neoliberalismo, neofascismo, pós-modernidade, pós-verdade só tem sentido de existir pelo passado que lhes dão sentido, do contrário viram pó. Real e presente acabam assumindo relação com a verdade. Passado e futuro existem na consciência e estão sempre correlacionados, tal como vida e morte.

As feridas da vida

A vida se constrói nas feridas
É nela que nascem as margaridas
É nela que renascem sonhos represados
É dela buscamos forças até desanimados

Não há vida sem agonias
Ademais nestes tempos desumanos
Tiramos grandes harmonias
Que estavam sufocadas por muitos anos

A vida se forja na dificuldade
É ela que libera a vontade
Da superação e da dor
Pense na descoberta do verdadeiro amor

Vive mais quem a conhece
E se conhece nela!
Se soubermos quem somos
Conteremos nossos excessos
Por isso lhe digo
Não há vida sem sofrimento
Mas não há sofrimento se vida
Ela é movimento, renascimento...
Equilíbrio e paciência são nossos requisitos.

(Para um diálogo com Adriele Bernardi)

De improviso...

Os dias de tédio servem também
Para um verso de improviso
Embalado nas palavras do ouvido
Da caneta com a folha de papel
Do momento imperdível.
E da hora de tirar o chapéu.

O vinho e a taça acompanham
Na embriagues do som
Meu corpo fica tomado
No gozo da palavra e do tom
Namorando com meu ouvido calado

A poesia faz amor com os versos?
Amor de momentos e delírios
Atravessados pela nobreza da alma
Apagada pela lembrança que acalma
Adeus ao momento de martírio

Mudamos a palavra de lugar
Buscamos na rima lá e cá
Na posição da estrofe
Combinada com o acaso
Aflito, paixão, desprezo...
Sentimento de saudade, desejo.
Palavras são pedras preciosas
Ilude-nos, mas nos retira da solidão
E os versos, ahhh os versos.
São a sua criação.

Ano em que não empinamos papagaio

Pimenta e Nonô eram amigos e moravam na mesma rua desde que nasceram. Pimenta tinha 12 anos e Nonô 13. Nutriam uma amizade sincera e verdadeira há mais de sete anos. Eram meninos que tinham na rua sua diversão, ambo moravam em casas pequenas (três compartimentos) e possuíam famílias grandes. Estavam cansados de ficar reclusos nesse período de confinamento, mesmo assim quando podiam jogavam bola no terreno vazio ao lado da padaria. Seus pais tinham que "se virar" como podiam todos os dias pra garantir o sustento de todos.

Com a chegada do perigoso vírus Nonô logo imaginou

? Como vou empinar minha rabiola esse ano? Ele já tinha comprado a linha forte e boa de encerar no mês de abril, era uma linha corrente número 30.

Pimenta sentia igualmente a mesma ansiedade.

- Ano passado cheguei a cortar 14 pipas só numa subida, fiz um cerol poderoso e uma rabiola no ponto. Tenho que dá um jeito de soltar de novo.

Chegado o mês de junho eles se comunicaram pelas janelas de suas casas, montadas uma por cima da outra, já não aguentavam mais ficar reclusos, embora soubessem que era necessário. Pimenta como um viciado pronunciou ao ver uma pipa no ar:

? Tá vendo Nonô? Bora fazer a nossa, tem uma laje dobrando a descida, não mora ninguém. Verdade ? respondeu Pimenta!

A impressionante força da tradição envolvia-os de maneira intensa e quando começaram a ver papagaios no céu não contiveram o desejo de entrar na disputa. O vento começava a ficar perfeito para levar ao ar aquela "curica", mas havia uma pedra no meio do caminho. Os dois estavam terminantemente proibidos de sair de casa. Eles até sabiam do risco de transmissão do vírus, mas a vontade de moleque falava mais alto.

Prepararam a linha encerada, o rabo com sacos de supermercado, deixaram o peitoral das pipas e rabiolas no ponto, passaram a linha do tubo para a lata e marcaram na segunda as nove horas. No ano passado a imprensa havia noticiado vários acidentes com linha de papagaio na cidade, num deles um moto taxista foi a óbito como uma linha traspassada no seu pescoço diante de uma velocidade de 60 km por hora.

Construíram cuidadosamente todas as etapas e material necessário. No domingo se comunicaram mais uma vez pela janela sem que suas mães soubessem.

Falam bem baixinho. ? Amanhã e passo na sua casa bem cedinho, 8:30h bradou Pimenta de forma silenciada e pausada.

Tá bom! Disse Nonô, Mas não deixa a mamãe vê senão ela não vai deixar. Colocaram na sacola todos os materiais comprados e preparados em surdina. Até máscaras foi no meio do material. Eles também tinham medo de pegar o vírus que ainda andava solto, mas a coragem era dez vezes maior que o medo.

Amanhece! Ansiedade e cuidado pra não deixar que suas mães soubessem que sairiam. O inusitado acontece. A vizinha de Nono grita alto chorando

- Meu Deus, me acuda. Meu pai morreu! Ai meu pai porque o senhor nos deixou?!

O quarteirão inteiro se dirigiu a casa da senhora para socorrê-la frente a tamanho sofrimento. O pai de 72 anos morto numa cama e ela com medo de chegar perto por conta da contaminação.

A comunidade toda se mobilizou para providenciar o velório e o enterro. Pimenta e Nonô, olhando aquela situação de tristeza e dor, pensaram com suas consciências presas ao ocorrido.

- Você ainda vai? Eu acho que não!

- Acho que não devemos ir, a mamãe tá com muito medo de pegar esse vírus ? disse Nonô.

- Então vamos ficar em casa, ganhei três revistas do X-Men e duas da Turma da Monica do meu primo. Vamos ler?!

Doce encontro

Acontece de repente
Transforma-nos em gente
Uma casinha, uma rua, um sábado.
Faz um dia virar ensaio
E nascer uma semente.

Uma casa engraçada
Mesmo sem água
Acolheu o encontro ensaio
Do vilão com o carron
Da voz com o pandeiro
Do tempo que não vende por dinheiro.

Mágico convívio novo
Quando houver ocasião
Faça do dia alegria
Gentileza é canção
Da hora que passa lenta
Doce encontro bom dia
A vida nunca é em vão.

Aos amigos Douglas e Luciana

Abel 29.07.2019

Da semana

Começou....

Zero hora

Domingo; contemplação

Segunda; ressaca

Terça; recuperação

Quarta; disposição

Quinta; preparação

Sexta; profanação

Sábado; programação

...Terminou.

Fim de semana

Início...

Passeio pela manhã

Descanso a tarde

Festa a noite

Recuperação da ressaca

Almoço, ócio e café

Num bar uma pizza...

...Fim.

Repetição e cotidiano

De novo...

Trabalho pela manhã

À tarde estudo

Descanso ao anoitecer

Cotidiano atroz

Feijão, arroz, carne e suco

Filmes, redes, livros.

"Nunca mais vi meu pai"...

... até amanhã.

Ele tá do seu lado!

**O uso do MAS como definição do sujeito*

Conheci um certo cidadão

Muito gente boa

Mas... condizente e a toa

Muito boa praça

Mas... deveras sem graça

De aparência grande

Mas... com cabeça de menino

Às vezes até legal

Mas... com traços de boçal

Que busca aparecer correto

Mas... de atitude incerta

Que tenta demonstrar segurança

Mas... sempre faz lambança

Que gosta de chamar a atenção

Mas... sabe-se que é só enrolação

Visa aparecer com "grande" saber

Mas... quer sempre entender o porquê.

Quem é esse sujeito?

Tá andando por aí!

Perto de você

Olhe pro lado

Talvez

Não tenha pra onde ir.

Mas....

O renascimento da esperança

Em tempos de queimadas
De sentimentos de terra arrasada
De floresta desmatada
Nasce a Flora!

Na esteira dos que nos roubam.
A madeira
Por madeireiras, sojeiras, empreiteiras...
Deixando muita sujeira.
Nasce a Flora!

O rastro de destruição do homem, pelo homem, contra o homem.
Nasce a Flora!

Na aurora do poder destruidor e termidor
Vem da ambição humana
Coitada da banana.
Mas mesmo assim
Nasce a Flora!

Biodiversidade natural
É a prova de que a desigualdade social
É coisa de animal (humano)
Por isso nasce novamente a Flora!

Diferença sim!
No ecossistema também.
Desigualdade não!
A natureza pede socorro
Recuso-me e não morro
Vou defender a Flora!

Nem o dinheiro,

Nem o isqueiro
Nossa insônia acabará.
No clima quente da Amazônia.
Nossas plantas são resistentes
E de gente como a gente
Renascerão
A fauna, a flora, a primavera e a revolução.

Amazônia, novas plantas...
Amazonas mulheres guerreiras
Apostas! Armem-se
Contra o fósforo, o fogo, a gasolina, o latifúndio e a carnificina.

Nasce e cresce o novo
Então...
Florescer a vida desabrochando com rosas e cravos
O nascer de uma Margarida.
Acordamos! Avançamos!
Renasceu nossa esperança.

Em homenagem ao nascimento de Flora, filha dos camaradas Emerson e Giselle

Igual e universal

Igualdade!

Substantivo feminino

Desejo, vontade, uma luta

Harmonia de ser

Paridade de acontecer

Proporção de haver...

Para ter...

Sistema de igualdade social

Econômico e político

Desejo de liberdade

Humanidade X desumanidade

A morte!

É o mais igual dos fenômenos

É socialista igual para todos

Em maior ou menor tempo

Negação do vivo

Inexistência do existir

É verdade, ela está bem ali.

Solidariedade

Eu não faço coisa alguma
Pensando só em mim
A favor só de mim

Se o outro está em mim
Como o caule e o beija flor
Vejo-me como jasmim
Esperando o pólen incolor

Os versos são irmão da alma
Subvertem os reversos da dor
Envolvem o corpo e acalma
A mente vira semente do amor

Outras vezes sem saber
Persequimos a verdade
Mesmo arriscando perder
Nossa limitada liberdade

Mas se isso lhe faz bem
E lhe aflora o prazer
Deixe a vontade ir além
E o desejo acontecer.

O tempo

Nossa vida é feita no tempo
No eterno devir do tempo
Pelo tempo, para o tempo.
Contra o vento e o tempo
Parece uma camisa de força
Nesse tempo nasceu alguém
Pereceu outrem, porém.
Vamos viver nosso tempo

Cordel raça sem cismo

Entre o tempo de existência
Racismo cresceu em demasia
Humanos perderam a paciência
E a diferença virou hipocrisia.

Os dias lhes tornam doentes
E o medo do outro lhe faz sofrer
Pavor nas ruas rondam suas mentes
Sofrem com o medo de adoecer.

Sociedade, campo ou cidade.
O ódio não lhe faz crescer
Olhai ao seu redor sem maldade
Com o diferente se aprende a viver.

Abrace todas as cores possíveis
Beije no rosto com coração
Não se envolva por insensíveis
Vá à busca da sua humanização.

Viramos "coisas" certas vezes
Depois vamos ao pó dos sete palmos
A casa grande abriga burgueses
E terra o destino nos cemitérios calmos

Quando a noite mais solitária
Virou a arma do nosso lamento
O corpo pediu mais uma vez
Acaba de vez com esse tormento.

A vida: narrador e mediador

Durante esse desgostoso momento de pandemia se viu e se ouviu repetidas vezes, as palavras saúde, sentimento, casa, força, tristeza, ansiedade, angústia e muitas outras, porém, nenhuma foi tão evocada quanto à palavra *vida*. Talvez a palavra mais importante do vocabulário humano. Foi então que constatei que a vida não depende só da nossa vontade, mas da vontade de outras vidas, então ela é uma relação.

Isso mesmo, a vida é uma *relação*! Passa mesmo a perna em você todos os dias. Veja seus próprios movimentos, suas surpresas, seus imediatismos inesperados. Gostemos ou não! Dessa verdade ninguém escapa, e é dela surge uma defesa para uma possibilidade de vida feliz, tipo: *"jamaís perca o seu equilíbrio, por mais forte que seja o vento da tempestade"* (Ponto de Equilíbrio).

Vira e mexe falamos, ouvimos, cantamos, poetizamos, pintamos a vida. Andei escutando que "a vida é um narrador não confiável", assim como "o escritor não é um narrador confiável". Ambos, vida e o escritor, trabalham a história e a narrativa de acordo com seus desejos. A vida faz isso todo dia, já o escritor troca o nome, o local, a cena, o final, o personagem, enredo e muda o fim da história.

Ai você se pergunta: A vida tem jeito? Tem! Se soubermos viver a sua narrativa inesperada.

Shopenhauer afirmou o seguinte: *"Querer é essencialmente sofrer, e como viver é querer, toda existência é essencialmente dor. Quanto mais elevado o ser mais sofre"*. A força dessa ideia da vida, um pouco negativa, um pouco realista, esquece o sujeito. A cada epígono ela reserva um papel, um curso, um herói. Não há vilões por acaso na expedição da vida. Daí a vida é devir, as gerações seguintes pertence à mudança e a disputa de narrativa com a vida.

Muitas almas grandes da história tiveram vida curta e produção longa, vivem e inspiram até hoje muitos outros. A vida é presentificação do passado! No tempo de suas vidas, os *grandes* não sabiam que se tornariam imortais aos viventes do presente. Eis que nosso tempo colocou a nossa vida na berlinda diante da situação imposta pelo diminuto ser, agora temos que encarar o ato de viver para não morrer antecipadamente. Ninguém disse que o ano seria 2020. Ela, a vida, colocou você na cena, pra te provocar e te provar.

A vida nos deixou de joelho, agora só nos resta levantar e encontrar o seu mais íntimo sentido, mesmo que seja controlando nossos desejos. Sou agora o narrador e vou terminar essa crônica com a minha vontade, contra os filisteus, vulgares e convencionais, que desprovidos de inteligência, brincam com a vida.

Alegria de ser

Alegria é vida

Vida é ser

Alegria cura a ferida

E faz o dia acontecer

Ser alegre de viver

Ser alegre de cantar

Ser alegre de escrever

Ser alegre de amar

Ser é não morrer

Ser é fugir do tédio

Ser lhe faz renascer

Ser vira remédio

Não me perguntes por quê

Não quero parecer

As respostas que queres saber

Do meu significado de ser

01/07/2020

Canção da linguagem

**Ao bem do nome soletrando nasce uma canção
Não vi seu nome no meio da razão, não! (refrão)**

Uma reunião de palavras
Aconteceu numa casa grande
Vozes que davam nomes as salas
O sentido do objeto se expande
Tornando-o seu escravo do nome

**Ao bem do nome soletrando nasce uma canção
Não vi seu nome no meio da razão, não!**

Como grande confraria de homens
A grande casa não tinha regra
Ninguém lhe dava sobrenome
Achei melhor dá o nome de brega
Agora já podemos falar pelo nome

**Ao bem do nome soletrando nasce uma canção
Não vi seu nome no meio da razão, não!**

Sexo, raça, classe, palavrão
Adulto, criança, jovem, idoso
Cria-se palavras e comunicação
Achar um nome parece um gozo
O gozo que a verdade faz razão

**Ao bem do nome soletrando nasce uma canção
Não vi seu nome no meio da razão, não!**

Palavra e verdade tem força de criação
Faz fronteira tanto no sul quanto no norte

Representa mais de uma orientação
E um pensador disse antes da morte
A linguagem não conhece o mundo não.

Desafio: Produzi essa música no dia 01 de julho de 2020 e terminei dois dias depois. Ela está aberta para a quem se dispor a produção de um arranjo.

Na sombra do sol

Apareceste loucamente terrível
Como um Deus Cronos raivoso
Porque viestes como tanta fúria e terror?
Voraz e veloz, vento ruidoso.

Arrastastes telhados, árvores, casas e sobrados
Nem foi convidado seu mal criado
Deixastes sonhos de pobres desolados
Corpos, rostos, lágrimas e janelas molhadas.

Nem és Katrina e entrastes em Santa Catarina
Sem pedir licença abristes a porta
Sei que para você não existe vacina
Teu sopro sem compaixão não se importa.

O tempo do vírus é tempo fechado
Tempos difíceis que desafia a medicina
É verdade, a natureza não escolhe lado,
O sol se escondeu atrás da cortina.

Agora que a vida bateu forte na sua alma
O mundo lhe feriu e lhe deixou no escuro
É hora de recomeçar e levantar com calma
Lutar, se encher de esperança e pensar no futuro.

Vim da terra do “homem verdadeiro”

Sou de uma terra que antes foi Sesmaria
Rodeada pelo Sirituba e a Ilha da Pacoca
Uma área que ia até a beira do Maratauira
A terra do mingau de açaí com tapioca.

Dizem que chegou primeiro tal Francisco
Tenho lá minhas dúvidas ora bolas
Os tupinambás viviam sem correr risco
Teve resistência dos negros quilombolas.

Os Samaúmas que aqui viveram
Deram lugar a Vila de Beja, bejeiros
Da fusão de aba, eté e tuba tivemos
"Ajuntamento de homens verdadeiros".

Nasci na cidade de Abaetetuba
Na Lauro Sodré com a 15 de agosto
Gosto de bateria, pandeiro e tuba
Só de pensar na "mardita" viro o rosto.

Volúpias de vilões e serestas soaram
Cantadas e tocadas por meu avô
Na sede do Abaeté caboclos se encantaram
O talento verdadeiro nunca acabou.

Já comi Capivara e tomei suco de Miriti
Tomei banho no rio e no Tijuca
Quando pude fui à festa no Ze Bechir
Joguei no Vênus e brinquei no Palhuca.

Abel Ribeiro

Casa necessário lar

A casa refúgio
Privado no lar
Aconchego de cá
O vírus invisível
Imprevisível!
Inadmissível!
Indiscutível!

Me prendeu
Me privou
Me arrependeu
Nele sofri
Lavei a mão
Lavei a louça
Cuidei pra não pegar

Me afastei
Família, amigos...
Ele está aqui?
Eu nunca saberia
Sabia que devia
Limpei o medo,
No meio da tensão
Lutei pela razão.

A cidade nua
Vou cozinhar,
Um feijão gostoso
Vamos comer
Temos que fazer
O lar as vezes
Torna-se prisão

Somos sociais
Viva a emoção.

Abel

Poema chorado 3 + 1

Quando eu nasci chorei
Abri os olhos e gritei
E com a graça do choro
Sorri a vocês e encontrei
A live, o show e o ouro

Pingos de lágrimas
Felizes escorrem no rosto
A música feita no dedo
Mão das três é bom gosto
Irmãs que dedilham
E alegram lares convosco

E naquele choroso pandeiro
Completo a música porinteiro
Elisa, Lia, Corina e Jacó
O bandolim e o seresteiro
A música na memória da vovó
Dialogando com o mundo inteiro

Três + 1 peça a vocês
No instrumento da canção
Façam o choro tocar de vez
O mais rude e grosso coração

Abel Poeta por ocasião

A utopia do "eu"

A auto definição é a mais traiçoeira das definições.

O si (por si) é o caminho que jamais chega a si.

O outro melhor responde

Onde você quer chegar.

Abel

Morte na vida

Morri!

Várias vezes esse ano

Morri de rir!

A controlar o choro

Morri de medo!

De perder um querido

Morri de tédio!

Quando o remédio era o quarto

Morri de raiva!

Quando o dinheiro não chegava

Morri de horror!

Dos que plantavam ódio

Morri das lembranças!

Da vida quando criança

Morri de ânsia!

Quando via tanta ignorância

Morri de saudade!

Do conforto da amizade

Morri de coragem!

Quando escutei o poema

"sujeito de sorte"

"Tenho sangrado demais

Tenho chorado pra cachorro

Ano passado eu morri

Mas esse ano eu não morro"

Ele (Belchior) que já morreu

Disse: a morte não vai me matar

E o vivo homem não morrerá

Na fraqueza nascerá a fortaleza

Naquele que em vida se recupera
Revive, renasce n'outro ano.

Quando a vida vence a morte
O norte encontra a alvorada.
Saia da casa ao nascer do sol
Seus pés encontrarão a estrada.

Abel

Derivações perigosas

Justiça, injustiça, injustiçado

Droga, drogaria, drogado

Vício, viciado, contaminado

Cloro, cloroquina, enganado

Plana, planície, planalto

Terra, terraplanista, terráqueo

Planeta, estrela, planetário

Homem, hominídea, homicida

Homens sem terra no planeta

Mascarando a máscara mascarado

Terra plana, homem sem droga drogado

Viciado gado, remédio alienado

Luto, enlutar, enlutado

A morte não é justa com os justos

Desigual, desigualdade, confinado

Pobre, pobreza, planeta queimado

Solte a voz, velada, veludosa

Fases da lua, luar sombreiam a verdade

Cismado com a mentira do medo

Tasca na cara, corada do covarde

Tua mão que escreve com 5 dedos

Abel

O espelho e eu

Eu olhei no espelho e não me conheci,
Resolvi conversar comigo para me encontrar.
Apresentei-me e fiz algumas perguntas a mim,
Afinal, por que você aí do outro lado me olha?
Se eu sou você, por que não reflete o que quero?
Porque você minha imagem não revela quem sou eu?
Então você não reflete o que a minha verdade?
Seu covarde! Aparência! Você é aparência.

Todo dia eu te olho e não vejo resposta
E você não me mostra
Porque minha vida tá torta
Isso é o que mais importa
De tudo o que há em mim
Você não reflete meu sonho
Nem minhas lágrimas, simples assim!

Nesse ano que nem começou
O vírus até se espalhou
Você não me reflete e me iludes
A mim mentes quando te olho
E nem escondes minhas tristezas
Na cama vejo a imagem do tempo
Mas mesmo tua imagem sorrateira
Mostrou minha máscara de lenço
Imagem que não é ilusão nem besteira.

Eulálio Poeta

Dois haicais

Nuvens no céu
Pássaros voando
Desenhos na cabeça

Nuvens escuras
Raios no céu
Estremeça

Abel

Preguiça e emancipação

Preguiça I

É ela mais rejeitada

É ela mais aceita

É ela mais censurada

Preguiça II

Condenada por demagogia

É ela ruim ao pobre

É ela contemplação ao rico

Preguiça III

É ela louvor dos clérigos

É ela que lhe tira do trabalho

É ela que o faz desmerecer

Preguiça IV

Dei-lhe o direito a preguiça

Ócio, negócio da criatividade

Contemple a vida sem injustiça

Contrasipoderando

O homem diz ao candidato
Eu voto em você,
Mas se me der cem reais,
Sem poder ficou o homem.

O candidato eleito diz:
Não te devo nada,
Paguei pelo seu voto
É você que se contradiz

Aconchego

Casa, confinado

Casamento acasalado

Pedro Casaldáliga do lado

Sandálias aos pés descalços

Dá liga na ferida em nome da vida

"Na dúvida fique do lado dos pobres".

Ele

Pai, pai e pai

Homem, humano, imagem

Cria, coração, coragem

Ba cana

Bakhtin é bacana

Tim maia é bacana

A jovem teen é bacana

Beba cana Tim

Beba cana Maia

Beba cana assim

Canabis da cura

Palvaras fervura

Cana doce doçura

Aconchego

Casa, confinado

Quer casa acasalado

Pedro Casaldáliga do lado

Sandálias aos pés descalços

A liga na ferida em nome da vida

"Na dúvida fique dos lados dos pobres"

Lençóis, água e palavras trazem esperança

Na penúria do morador de rua sua atitude é nobre

Tudo se transforma

Criatividade criatura incrível
A crisálida nasceu na crise
Doce criatura crisântemo
Planta que brota n'outra cria
Criada para curá-lo doce criado
Força nenhuma no mundo
Detém o poder da criação

A poesia como questão

É possível gostar da poesia e não gostar do poeta?

É possível gostar do poeta e não gostar da sua poesia?

É possível? É contradição real.

O que se escreve é o que se é?

Ou na poesia não se precisa ser?

Entre homem e obra de arte há separação?

Creio que não!

Não existe poesia sem o ser humano

Não existe ser humano sem o ser social

Não existe social que não seja desigual

Não existe um só ser, somos estranhos de nós.

Se lê e gosta do poema

Sem saber quem é o poeta

Há uma relação sentimental,

Indenitória com a obra de arte

Entre o ser e o poema

Quando aquele que lê

E se vê nos versos o seu eu

Ela passa a ter sentido íntimo

Daí a utilidade da poesia

Mesmo que ela pareça inútil

Serve de cura, aconchego, amizade

De contemplação, felicidade e vontade.

Ilusão descendente

A aparência no meu olho veio
É um mero devir do devaneio
Descendência não o torna belo ou feio
E a flor não se planta como centeio

A essência é o que vem primeiro
É a igualdade de ser e acontecer
Ninguém é mais pelo nascer
Olhe o espelho e você não vai aparecer

A ciência já provou a singularidade
A capacidade e a verdade que mereça.
A vaidade é a mais senil superioridade
Desça do salto, cresça e amadureça.

A convivência tá em nós como luz
O nome é obrigação identitária
Sobrenome e cor são refrações que nos conduz
Avente, sem luz a cor desaparece.

Mar mansidão

Mar, vento e liberdade

Maré, movimento tempestade

Marx, horizonte de humanidade

O raio

o raio, radiante e raro
caiu naquela antena solitária
ela, agradeceu pela escolha.

O sino e a cidade

Seis horas o sino toca
Acorda a pequena cidade
O trabalho começa a tocar

Meio dia o sino toca
Almoça a pequena cidade
Se toca para o descanso

Dezoito horas o sino toca
A tarde anuncia a aurora
A serventia da casa se volta

Meia noite o sino toca
Dorme e acalma a cidade
O corpo na cama descansa

Novas querelas do Brasil

Por Abel Ribeiro

O Brasil volta a queimar com altas chamas no Pantanal e na Amazônia. O sol ardente se mistura com fumaça cinza e os pássaros soam cantos de socorro contra o inferno dos "homens de Deus". Como poemou nosso querido Aldir Blanc (vitimado pelo vírus) "O Brasil não conhece o Brasil, O Brasil nunca foi ao Brasil".

Esse lugar chamado Brasil que faz a boiada de Sales passar e o ministro da saúde do Jair assumir o cargo sem saber para onde ir. Não pretendo velo, já são 130 mil mortos Pá zuelo.

Vimos nesses dias na TV arder "Gereba, saci, caandra, desmunhas, aririnha, aranha.. Sertões, guimarães, bachianas, águas..." E a bancada do agro é pop, bom negócio, ópio da política quepolui a sensibilidade do solo e da terra que se planta o caroarroz. Nesse país onde temos um congresso que faz tanto arroz todos os dias, negocia seu direito em demasia, não se interessa pela periferia pois prefere o centro e o centrão, o balcão de negócios da burguesia.

Cara, que patifaria, que demagogia esses homens vem fazendo nome de "deus". Que pasto estão pastando os pastores? Que país é esse? Diminuiu o número de morte! Novecentos e pouco por dia, Como? A banalização da vida e da morte.

Tira a tua máscara Brasil, ninguém aguenta tanta corrupção mermão. Logo ali em Brasília existe um congresso de homens de colarinho branco que votam e logo a direita os engomados de toga chamado de supremo, pessoas de vultuosos salários que olham para a lei-democracia do rico sem entender a dor e sofrimento do pobre. Aonde vai nossa mata, nosso clima, nossa honra que nos desonra nestas cidades violentas, racistas, machistas e de milícias escondidas em gabinetes.

Logo aqui no país do governo do "E daí?" onde homens e mulheres perderam a vida para a negligência e o cacique Raoni testou positivo. Estão invadindo as terras dos índios! Não há riqueza lícita no mundo, não há nenhum fazendeiro que conquistou terra legalmente. Em nome do progresso seguimos rumo ao retrocesso e os povos originários perdem seu imaginário junto com aquele lindo canário fugindo da fumaça pueril da droga da corrupção quotidiana de cada dia.

Bolsomínios e cloroquínios seguem o discurso do Messias, enquanto populações inteiras de animais e humanos choram a perda da vida, da terra e da comida. Até quando? E o rio queimando, e o Rio de Janeiro a janeiro ludibriando, roubando, lapidando o patrimônio do povo. Quem nos dera se as águas da Guanabara pudessem apagar as altas chamas que queimam nossas ecossistemasvidas. Queremos água para apagar o fogo, queremos água para não morrer de sede, para lavar nossas mãos, para lavar a sujeira dessa política da bandalheira. Queremos água para salvar o Beija Flor, não a Flordelis que matou como uma atriz. Por favor, não queremos água contaminada, a Covid não perdoa. Não tem água que limpe as mão sujas desses homens que nos governam em nome do "bem", de "deus" e da "pátria". S.O.S. Brasil.

"Quem me dera ao menos uma vez

Como a mais bela tribo

Dos mais belos índios

Não ser atacado por ser inocente". R.R.

.....

O Brasil tá doente, precisamos de um remédio que lhe de alegria, uma pílula que retire esse vício e mesmo sem vacina que destrua a carnificina que todo dia nos deparamos naquela vicinal, perto da

marginal. O veneno ainda tá solto, o vírus e o Queiroz. "O erro da ditadura foi torturar e não matar"(J.B.) Esse é o presidente do Brasil, e daí?

"O Brazil não merece o Brasil

O Brazil ta matando o Brasil".

Relação

Olhe aqui

Vida é dependência

O médico que medica

É medicado

O motorista que conduz

Precisa ser conduzido

O professor que ensina

É ensinado

Pense ai

Vida é vínculo

Todos nascem da junção

Faz-se relação

Só um não faz não

A face oculta da vida

É pensar que não precisa

Do outro

Do semelhante

E o mais ignorante

Não se vê como antes

O amor é universal

Desigual

Banal

Casual

Mas não existe

Sem o ser igual e diferente

O ser que sente

Que tudo nasce e morre

Nisso eu sou crente.

Ano de primavera na vera

Na esteira do mundo
Flores, cores e amores
Primavera abrindo o sorriso
Prima de primar primeiro
Vera de verear e veraneio
Não tem hora pra
Quem sabe uma hora
Seis da manhã abre a aurora
Ora, amanheceu
O amor primaveril renasceu

Varias coisas se ligam
Flora, floral, florido
O clima novo gera um clima
A vida.

Amor é relação

Se sou amado,
quanto mais amado
mais correspondo ao amor.

Se sou esquecido,
devo esquecer também,
Pois amor é feito espelho:
tem que ter reflexo.

Pablo Neruda

Amor é relação

Olhe aqui
Vida é dependência
O médico que medica
É medicado
O motorista que conduz
Precisa ser conduzido
O professor que ensina
É ensinado

Pense ai
Vida é vínculo
Todos nascem da junção
Faz-se relação
Só um não faz não

A face oculta da vida
É pensar que não precisa
Do outro
Do semelhante
E o mais ignorante
Não se vê como antes

O amor é universal
Desigual
Banal
Casual
Mas não existe
Sem o ser igual e diferente
O ser que sente
Que tudo nasce e morre
Nisso eu sou crente.
Abel

O dia em que a Mafalda chorou

Perder um pai dói demais
Imagine se ele lhe universalizou
No dia em que o corpo jaz
Por ele ela chorou
A menina que ele criou

Não será como antes
Esse instante de tristeza
Se chora a sua realeza
Da grandeza desenhada da Mafalda
Que viverá na memória da certeza.

Essa interrogativa beleza
Feito no enigmas da dúvida
Faz da partida vossa grandeza
Daquele humor político
Daquela charge fora da riqueza

De Mendoza esse hemano brincou
Saudou no desenho ácido
Daquele humor político zombou
Consciências e sorrisos noutros
A menininha do rosto meigo chorou.
Quinho!
Obrigado!
Mafalda, menina da dúvida inteligente
A gargalhada, a zoada da gente
Vai continuar...

Abel

Dominação invisível

Olhe bem!
O público tá se tonando privado
Aí do seu lado
Bem na sua barba
A sua privacidade vigiada
Filmada, domada e likeada
Leva a sua vontade dirigida
Pela inteligência artificial
De velocidade total.
Você virou algoritmo!
E aquela teoria liberal
Trouxe uma felicidade artificial
Fugaz, vulnerável, ansiosa
Abriu uma ditadura da imagem
Na sua linguagem pessoal
Invadida subjetividade
Daquela privatização do desejo
Sacou a carta da manga
E ditou o que você quer quererá
Olhe!
Essa maquininha na sua mão
Ditou seu tempo
Seu agir e decidir
A forma de consumir
De agir e interagir
Olhe!
Esse admirável mundo novo
Quem lhe fez mandar mensagem
Na mesma casa, do quanto para a sala
Pode fazer você ruir.
Abel

O encouraçado

O homem Serguei
A Nau Potekim
No tempo da ditadura
A imagem era pura
Preto no branco
Foifeito o filme assim
Aquele encouraçado
Trazia o corposuado
Do marinheiro revoltado
Dos corações amordaçados
Contra a cena do déspota
O marujo contesta
Refaz seu sentido de explorado
Efeitos especiais
Eisenstein encouraçado
Volúpias de cenas gigantes
De vozes mudas retumbantes
Contra a carnepodre
Homens vítimas da fome
Em pé cortam a ferro e fogo
A vontade de mudar a vida
De dentro do navio
Armado na cura da ferida
A bandeira vermelha tremulou
Rumo a Odessa preterida
O sonho não se prostrou
Punhos fechados na escotilha
Esquerda volver
A bombordo o motim
A busca do pelo poder
Naquele domingo sangrento
A revolução começou a florescer.
Abel

Na sombra da esperança. Por uma estética surrealista

Eu vejo por uma fresta pequena
Grandes sombras de suor e desejo
De te amar-te vida de rosto lilás
A liberdade inteira
Pela qual o homem se torna homens
E na qual esperamos há tempos.

Em sangues e mãos calejadas
Subverter o perfume daquela gente indesejada
Que desvirginou a vontade de ver
O que podia acontecer quando o frio
Penetrasse em nossos lares
De vozes fracas, roucas e turvas
Imposta de fora da casa e de dentro da sociedade

Duas vezes olhei para o horizonte
Olhei vossa plumagem distante
Onde o eco dos meus gritos espantam meus cabelos
Num som claro como a pena do cisne
Que se enfrente contra a cólera dos galos
Com uma chapa de aço e uma espada de esperança.

Canta rolando

Canta o encantado cantor
Cantigas de cantilenas contidas
Contando contos de contador
Contigo a coragem de coração
Cansada no canto contido
Cantarolou!

De amor e de esperança a terra sofre

As margens plácidas fumaceira
Linda ariranha em perigo
Procura-se um abrigo
Água, água, água...
Refresca aquele inferno
Inverso à vida do inverno

Vida, vida, vida...
Da terra a chama já consome
E o homem que a soterra
Enterra muitas vidas
Pobre onça ferida
Atrás de abrigo
Em busca de guarida

Solo és mãe gentil
Pátria queimada Brasil
Nunca se viu
Tanto fogo e fumaça
O Pântano pantanoso pariu
O pantanal da arruaça
Aquele animal na desgraça
Agora passa mal
Esperando mais uma graça.

Estão matando nossas matas
Desmatando na fumaça
Asfixiando com mamatas
E a Arara diz rrresgata
Quando o sinistro ministro
Voa por cima da mata.

Ponto de nascença

Naquele dia
Naquele espaço
Daquela relação
Naquele momento
De prazer e consentimento
Eu nasci.

Dois gozos suados
Relaxamento
Dois me fizeram
Existir

Corpos relaxados
Se fez num estalo
Do gozo e suor
E rosto molhado
Me fez um ser
Dentro de outro ser

A vida tão querida
No tempo curto
Inaugurou-me no mundo
Sou feliz, estou aqui
Tenho pai e mãe.

Estranho vulto

Certo dia
Ele viu uma luz em Vigia
Um vulto branco aparecia
Uma coruja barulhenta grania.

Certa noite ele olhou pro céu
Na cidade de Colares
Viu pontos de luzes
Movimentos de discos pelos ares

Parou em São Caetano de Odivelas
Acendeu algumas velas
Parecia cena de novela
Ele nunca mais se esqueceu.

Resolveu andar e foi ao Tauá
Caminhou para esquecer
Santo Antônio o corpo a suar
Pedi pro dia amanhecer

Assim passou a se vigiar
Olhou a foto daquele et
Colado na parte do quarto
O retrato deu medo de ver.

Depois de tudo
O extraterrestre sorriu pra ele.

A bolsinha da vida

A vida é como uma bolsa
Guardamos nela tudo que podemos
Mas como nem tudo nela cabe
Nem tudo nela conhecemos
As vezes nela esvaziamos
Colocamos tudo fora
Depois novamente a enchemos
Como água na panela.

Guardamos tudo nessa bolsa.
Acontecimentos, tormentos, sofrimentos...
Bons e ruins!
Uns de mais, outros de menos
As vezes invejas, ciúmes, orgulhos...
Tudo nessa bolsa tem espaço
Uns guardamos e regamos
Outros perdemos e negamos

Há espaço pra tudo nela
Amizade, Solidariedade
Desejo, vontade, vaidade
Mentira, tristeza...
Mas com o tempo fica somente
Aquilo que é de nossa certeza
De nosso querer viver

Essa bolsa não é uma Pandora?
Não! É uma bolsa valiosa
Com alças, laço e de couro,
Que combina com a roupa
As vezes caindo do colo
Cegando seu modo de ver

E não entender seus espaços
Confundindo sentimento com lamento
Amor com ódio
Dor com prazer
A bolsa não é feita de aço

Organize de novo a bolsa
Em cada compartimento
Organize os sentimentos espalhados
Amontoados e maltratados
Que surgirá um novo momento
E o amanhecer lhe trará
Uma primavera de infinitos nascimentos
Que na bolsa da vida ficará guardado.

Abel

Bruxas pra que te quero

*Na resistência do campesinato
Em plena transição feudal para o capital
Nasceram mulheres que negavam de fato
Que foram levadas ao assassinato
Queimadas, enforcadas e torturadas
Acusadas de bruxaria e de fazer o mal.*

*Em dois séculos de barbárie elas resistiram
Aqueles mulheres foram guerreiras
Não tinham medo das fogueiras
Dos julgamentos que instituíram
Dos religiosos que as perseguiram
Em nome de tradições e besteiras*

*Caçaram as bruxas para manter a ordem
Foram acusadas de crenças diabólicas
Reformadores e burgueses eram a desordem
As camponesas pobres e revoltadas
Eram muitas vezes viúvas
Solitárias com a prática magia e feitiçaria
Não serviam aos nobres e a burguesia*

*Bruxa querida bruxa
Suadamos-lhes pelo seu dia
Curandeiras, encantadoras ou adivinhas
Mulheres de vontade e fantasia
Vamos varreremos com sua vassoura
Aqueles que lhe perseguiram um dia.*

*Fazemos nossa homenagem
Contra o poder das autoridades
Daquela sacanagem e vassalagem
Que ceifaram os direitos de ser*

*Queimando mulheres de coragem
Para controlar o poder
E fazer a política da criadagem.*

Abel

Como falar de amor

"...o mundo lá sempre a rodar,
em cima dele tudo vale
quem sabe isso quer dizer amor
estrada de fazer, o sonho acontecer..."

Não costumo escrever poemas falando de amor
Nem por isso sou menos encantado
Prefiro um verso carinhoso sem dor
E o afeto dos homens que lutaram no passado

Acho que a minha dimensão é mais universal
É isso que motiva muito meu sentido
Talvez por isso eu não seja tão individual
Deixando o romance mais contido

Falar de amor à dois e de paixões
É de verdade bonito e se exclama
Mas prefiro percorrer coletivas emoções
A trama sempre envolve o drama

Isso não quer dizer frieza?
Jamais, prefiro viver um tipo de amor
Que me faça ver o invisível da beleza
Afrodite flor, não há amor indolor

Prefiro a poesia de amor em forma de casulo
Que vai do ovo, da larva, da pupa até ficar adulto.
Aquela que procura amor até no escuro.
Onde os amantes não respeitam o culto

Esse sentimento de vulcão explosivo
E tão individualmente contido
De fato, as vezes é muito corrosivo

Mas sempre alguém sai dele ferido

Romances... Tristão e Isolda, Julieta e Romeu...

Possuem grandeza e beleza na ficção

Na vida real, o drama que você viveu

É vivido, reinventado na realidade e no coração.

Abel

Memórias do confinamento

Convite à leitura de *Memórias do Confinamento*, livro lançado recentemente pela editora Autografia do companheiro Abel Ribeiro.

"O tempo é minha matéria, o tempo presente, os homens presentes, a vida presente."

Carlos Drummond de Andrade

Mauro Puerro

Ao ler "*Memórias do Confinamento*", escritos durante a pandemia que nos assola, recordei-me, na hora, do poema "Mãos Dadas" de Drummond. Seus dois últimos versos abrem este prefácio. "Mãos Dadas" é um dos poemas do livro "*Sentimento do Mundo*" publicado pelo genial poeta brasileiro em 1940. Suas poesias foram escritas entre 1935 e 1940, período de ascensão do nazi-fascismo e início da segunda guerra mundial, que deixavam muitas dúvidas sobre o futuro da humanidade. O "gauche" Carlos, homem com ideias de esquerda, buscava soluções coletivas nesta época difícil. O eu-lírico de "*Sentimento do Mundo*" refletia este paradoxo da época: a pressão de uma realidade que amedrontava cada indivíduo versus o olhar coletivo para a humanidade.

Abel Ribeiro, professor, sociólogo, ativista, pessoa dedicada a mudar o mundo, escreve seus versos confinado, num momento em que a humanidade novamente está com terrível dúvida sobre seu futuro. A crise sanitária, econômica e política pressiona e amargura cada indivíduo. Muitos não têm certeza de estar vivos na próxima semana. E, se estiver, o que farão para sobreviver. E também se conseguirão sobreviver ao perigo fascista que voltou ao mundo e ao país como um pesadelo terrível do qual pensavam já ter se livrado.

É neste cenário que o paraense Abel, confinado em Florianópolis escreve seus versos. Óbvio que este paralelo para apontar similaridades entre os eu-líricos não significa igualar "*Memórias do Confinamento*" com "*Sentimento do Mundo*". Quando de sua publicação Drummond já era um poeta maduro e exuberante. Abel está lançando seu primeiro livro.

Guardadas as devidas proporções e diferenças de períodos históricos distintos, o eu-lírico de "*Memórias do Confinamento*" também está pressado por uma contradição: a individualização física e todas suas consequências imposta pela pandemia de um lado, e de outro a solução coletiva necessária para a humanidade.

Já em "*Confinamento*", poema de abertura, o paradoxo que aflige o eu-lírico surge com força e evidência:

"Quando comecei a ficar em casa

Sala, cozinha, quarto, banheiro...

O dia inteiro

Comecei a me sentir ferido

O animal social que havia em mim

Ficou dividido"

Aqui está cristalino o conflito imposto pela realidade: o indivíduo forçado à solidão e à introspecção

em choque com o social que não o abandona. E mais adiante: "Percebi que o mundo queria me esmagar". Mas há uma luz que aponta para uma possível solução do conflito: a palavra. Sua força pode ser a janela para o "novo amanhecer", metáfora de um novo momento, momento no qual se fundiria os desejos do indivíduo e do coletivo. Esse poder da palavra surge em várias outras poesias de Abel.

"Palavrear, reverbear minha vida.

Foi então que descobri

Um novo amanhecer!"

O tempo, a vida e as pessoas deste difícil momento presente constituem-se na matéria prima dos poemas e textos do livro. Perpassa por quase toda as composições. Em "O Polissêmico", o vírus, inimigo mortal da humanidade na atualidade é personificado através de prosopopeias bem construídas.

"Ele é invisível, insensível e imprevisível;

Multissintomático nos seus sintomas

Indiferente e hostil lhe proíbe o abraço

Provoca cizânia, afasta você das pessoas que gosta"

Também em "Palmas para a Ignorância", "As Feridas da Vida" e "De Improviso" surge com força o olhar crítico, às vezes ácido, sobre o presente, a vida e as pessoas. Já em "Ponto de Chegada" essa tríade salta associada à esperança:

"Apertem os cintos, o velho mundo entrou em crise, começou a ruir.

O sistema da mercadoria pariu uma nova situação. O deus mercado parou!".

E mais abaixo:

"Sim! É preciso abrir o coração de esperança

A tempestade é sóbria

E como dizia Einstein: "é na crise que se aflora o melhor de cada um"

"Sem crise todo vento é uma carícia"

Apesar da situação crítica, opressora e do momento difícil durante o qual foram gestados seus textos, Abel consegue lhes dar um estilo leve, variado. Várias vezes namora com o concretismo - "Procurando o sentido"; "Brindando palavras"; "Estranho espelho". Outra vezes brinca com a estrutura textual: "Divórcio com a forma". Um dos pontos altos está em "Tirei uma Cartola do Bolso" ao utilizar o recurso da intertextualidade para dialogar com "O mundo é um moinho", música do magistral compositor carioca.

Mesmo quando se volta para o passado, seu ponto de partida é o presente. É o que se vê na bela e sensível homenagem a Ângela Maria e por tabela ao pai, à mãe e ao avô em "Poema para Abelim Maria". É um livro escrito, em tempos sombrios, com delicadeza e esperança. Merece ser lido na solidão da pandemia ou de "mãos dadas" num ato de rua.

O Café e a poesia, doce romance.

A sublime poesia
Casou-se com o café
Naquele dia
Tudo que se escrevia
Parecia marido e mulher.

Aquele cheiro atraente
Quente e delicioso
Faz do verso ardente
Uma relação sincera
De namoro silente.

A caneta e a xícara
O coração e a mente
Ó mate de ouro
Faz a estrofe presente
Uma palavra e um foro

Uma sem o outro
É pão sem manteiga
Fica sem invenção
Pois a grande inovação
É juntar o amor
Da ideia e da matéria
Com sabor e emoção.

Abel

Dois mil sentimentos

Em dois mil e vinte...
Nunca conversei tanto comigo
Foram vários monólogos
Muitas vezes longos.
Fui psicólogo de mim
Senti muitas saudades
Solidão, melancolia
Dei-me conselhos
As vezes me fiz terapia
Sofri calado e depois sorri.

Em dois mil e vinte
Fui até o meu mais profundo íntimo
Da dor ao medo
Da doença a esperança
Busquei o remédio em mim
Andei sozinho várias vezes
Olhei para o horizonte
Daquela realidade bifronte

Em dois mil e vinte
Escrevi versos pra mim
Escutei meu silêncio
Sonhei contra o pesadelo
Fugi para não vê-lo
Foi aí que amanheceu
E apareceu em mim o amor
Pela minha humanidade
Vontade de viver
De gritar com vontade
O que me foi óbito
O que me foi partida

O que me sangrou ferida
De um ano ingrato
De um calo no sapato
Mas não me levou a vida.

Dominação invisível

Olhe bem!

*O público tá se tonando privado
Aí do seu lado Bem na sua barba
A sua privacidade vigiada
Filmada, domada e likeada
Leva a sua vontade dirigida
Pela inteligência artificial
De velocidade total.*

Você virou algoritmo!

*E aquela teoria liberal
Trouxe uma felicidade artificial
Fugaz, vulnerável, ansiosa
Abriu uma ditadura da imagem
Na sua linguagem pessoal
Invadida subjetividade
Daquela privatização do desejo
Sacou a carta da manga
E ditou o que você quer quererá*

Olhe!

*Essa maquininha na sua mão
Ditou seu tempo
Seu agir e decidir
A forma de consumir
De agir e interagir*

Olhe!

*Esse admirável mundo novo
Quem lhe fez mandar mensagem
Na mesma casa, do quarto para a sala
Pode fazer você ruir.*

Devir...

Algumas coisas da vida a gente só enxerga, vê e sente depois de algum tempo. Olhos e coração aprendem com os anos, por isso juventude e talento, sem experiência muitas vezes parece cavalo manco. Isso não quer dizer que a experiência seja tudo, pois ser tudo é impossível. Dai a inteligência precisa casar-se com a experiência para desenvolver-se com maior criatividade. O tempo de vida lhe dá guarida e pode se aproximar da verdade muito mais rápido que o pouco viver. Essa maturidade quando se alia com as mudanças inevitáveis de um tempo tem força de transformação e criação

Abel R.

Sofrer-dor

I

A dor de um ser
Pode não parecer
Não sente o não ser
Tenros corações a ver
No detalhe do gesto a ter

II

O Sofrer da ingratidão
É forte como um furacão
Como uma agulha no coração
A maior remada da grossa mão
Sufoca o choro de dentro da ação

III

Não há vida sem dor
No devir da sobrevivência
Ter vida indolor é aparência
Pero sim há o indolor
Amor que expurga dolência

Produção, paixão e prisão

Trotsky leu e escreveu na prisão, local onde nasceu a sua teoria da revolução permanente. Foi na prisão que Gramsci escreveu os Cadernos do cárcere, maior parte de sua produção intelectual foi no presídio. Rosa Luxemburgo foi presa por dois meses em 1904 e depois em 1907. Lia todos os dias. Em 1915 passou um ano na prisão, escreveu *O Folheto Junius*, base teórica para da Liga Espartaquista e *A Revolução Russa*, sobre os eventos daquele ano na Rússia.

Oscar Wilde foi preso acusado de "indecência vulgar" por manter um caso com o filho do Marquês de Queensberry, o Lorde Alfred Douglas. Foi na prisão que ele produziu "A alma do homem sobre o socialismo", "Balada do Cárcere de Reading" e "De Profundis".

Afinal, o que cárcere representou a esses grandes espíritos? Um desígnio necessário? Um inoportuno produtivo? As quatro paredes foram testemunhas de elaborações teóricas de grande valor. A prisão foi para estas almas um "mal necessário" de nascimento do renascimento do que se queria dizer mesmo sem liberdade. Ela gestou obras que vieram ao mundo e permanecem vivas até hoje.

Nas palavras de Oscar Wilde: "isolar-se, manter-se ao largo do clamor das exigências alheias, pôr-se 'ao abrigo do muro', no dizer de Platão, e assim elevar à perfeição o que está nele, para o bem inestimável de si mesmo, e para o bem inestimável e definitivo da humanidade".

A prisão trouxe-lhes a liberdade de refletir, estudar, escrever e crer na força do espírito, da abnegação e do tempo "livre". Contra o mundo dos homens aprisionados pelo labor excessivo, estes prisioneiros usaram e abusaram sabiamente do ócio proporcionado pela prisão e transformaram em conspiração. Mesmo nos dias na solidão inevitável, do desejo da liberdade e da espera da saída pode-se dizer que o cárcere é o amargo espaço do encontro consigo mesmo.

Os cadeados em favor do amor ao próximo que não era por si religioso, mas cheio de paixão liberou uma verdade: A dialética é maior que a cela e este ser contraditório diz mas que qualquer misticismo sofisticado.

Abel

Infinito ser

O ser é e não é ao mesmo tempo o que parece ser
Esse estranho é movimento, contradição e aparência.
Captamos esse ambulante pelo sentido
Nossos olhos não veem igualmente as coisas
Nossos órgãos são diferentes no detalhe
O mundo da matéria é e não é a semiologia
Sofre da necessidade do viver
Somos o que somos mesmo sem alçar o imediato da essência.
O homem é tão infinito quanto o universo
Nele cabe deuses, vozes, sonhos, visões, culturas, gostos...
Milhares de Interpretações, átomos e células nascem e perecem
Essa aparência atrai inúmeros horizontes
Que se colocam todo tempo por cima da razão
Muitas vezes falsos, muitas vezes verdadeiros
Esse multitudinário ser que é você
É, a saber, uma procura permanente pela verdade.

(Abel 2019/21)

A árvore da vida

E
LÁ
NOS
ANOS
VINTE
ENTREI
ABRINDO
QUERENDO
UM NOVO SER
DE IR SABENDO
VENCER NA VIDA
QUÃO DOLORIDA IDA
QUE ME FEZ RENASCER
E LÁ NOS QUARENTA ANOS
COMEÇARAM A FLORESCER
OS VERSOS A SABER, A NASCER.
SEM PEDIR LICENÇA ÀS "REGRAS"
PALAVRAS
MONTADAS
SENTIDAS
INSPIRADAS
ASSIM!
A ÁRVORE COMEÇOU A FLORESCER.

Abel (05.12.2018)

Entre a vida, o amor e a morte

Quando eu passei a pensar na vida por vezes no período da grande contaminação, fugi, corri, me protegi, me estarreci. Minha cabeça passou a funcionar como um como um labirinto que guardava uma panela de pressão prestes a explodir, mas que não explodia porque existe uma força ligada ao amor pela humanidade, tão grande que não cabia no meu coração. Dai pedi emprestados outros corações que me ajudassem a viver o amor pela vida tratando de me encontrar na *my essence*.

Entre vida, amor e morte, minh'alma ficou contida, embora por horas ficasse com a raiva daqueles que governam os homens desequilibrada mente desalmada. Se é sabido que todos teremos uma partida, seja destino ou desatino é um erro grave antecipá-la em nome da ignorância que corrói mentes e egos. Perguntem-se sempre, para onde iremos, se é que iremos. De fato não

Sabemos.

Acabei percebendo quase sem saber que a consciência humana se forma por contraste e é desse contraste que se forma o valor da vida. Podemos de verdade chegar até o verdadeiro amor, assim como amar é se encontrar como humano, é ser cada vez mais humano nesse mundo desumano que coisifica o amor humano. É aí que resulta a sublimação do contraste que nos permite dar valor a vida já que seu oposto é o óbito.

As vozes que me perturbaram durante a permanência da pandemia me fez conversar com o silêncio de forma sincera e honesta, me fez perseguir o autocontrole, embora forças superficiais atuassem sobre mim todo tempo tentando desestabilizar e distorcer o caminho onde eu queria chegar. Certa vez, numa noite cheia de estrelas, vi-me anunciando os mistérios que envolvem o "ser" está exatamente em ser, por inteiro nas ribeiras do ribeiro.

Reconstruir-se a si próprio como necessidade e vontade são como o feixe de trigo, juntar-se na superação do egoísmo, a busca da unidade da vida, da flexibilidade de nos reconstruirmos de outra forma. Se você captou a minha mensagem obrigado, quero dizer que devemos ser arquitetos do nosso próprio destino, de tal forma que perceba que a grande obra do homem é a construção de si mesmo, de tal modo que atrepele a sua imperfeição absorvendo o amor mais profundo que existe em si e ocupe o lugar privilegiado no "eu", no "nós" e no "eles".

O coração não é apenas um músculo funcional que bombeia sangue para o corpo humano, é sim a busca da unidade entre os seres e a célula que nosso próprio coração, que pouco entendemos, afinal tudo tá dentro dele, coloquemos o coração em todas as coisas, nós temos capacidade de conquistar nosso próprio coração. A viagem da consciência humana e do autoconhecimento é verdadeiramente uma arte de viver, uma filosofia, uma procura que tem no amore na vida a sua conexão maior....

Ego imagem de si mesmo

A auto definição é a mais traiçoeira das definições.
Ela lhe mente sem precedente
De você pra você mesmo
São dois olhos e um cérebro olhando pra si
Os complexos de Narciso viraram febre
Fetichizaram-se as mentes
Que a tecnologia transformou em imagem
Imaginários viciados, ditaduras de fotos e vídeos
As redes sociais dos cérebros esvaziados
Tornaram vivos os vazios de si e do por si
Que jamais chega a si.
Há certamente uma solidão
Egocêntrica solidão do like
Espírito do "eu" errôneo de felicidade efêmera
E com seu aparelho na mão
Espelho, o perfume, a paisagem...
Como remédio pra depressão.

Abel

Por uma vida...

Por uma vida diferente
Essa mesma que mata a gente
Nos mente e nos torna demente
E a gente nem sente e fica indiferente

Por uma vida sem ferida
Que transforme a partida indigesta
Na tela da Frida
Pintada em dia de festa

Por uma vida sem desespero
Que nos tome por inteiro
Ao sabor do doce tempero
De fevereiro a janeiro

Por uma vida sem guerras
Sem armas e pandemias
Onde o amor que a soterra
Passe a ser nossa fantasia

Por uma vida onde o romantismo
Não seja apenas cortesia
Conto do caso sem realismo
Paixão e arte contra a tirania

Do quintal de casa

Outro dia...

Eu olhei pro céu

E vi uma poesia concreta

Os pássaros...

Voavam agrupados

Felizes e descontaminados

As nuvens...

Branças desenhavam

Rostos tristes

O azul...

Formava um pano de fundo

De um mundo desolado

E o sol...

Forte e brilhante

Abriu a porta da esperança.

IMPRESINDÍVEIS

Palavras São Ditas Todos Os Dias
Todos Os Dias Usamos Palavras
Elas São Tão Impositivas E Autoritárias
SUAS REGRAS NÃO FORAM VOTADAS
Essas Que Palavreamos Para Nos Comunicar
Pedir, Cumprimentar e Falar
Porque É Obrigado Que Seja Assim
E Se Não For?
Será Com As Mãos, Com Os Dedos
Com O Rosto, O Corpo.
A Boca Que Emite O Som
Cabe Palavras Amarrotadas, Exageradas
Mal Colocadas, Que Não Cabem
Nunca, Sempre, Todos, Tudo...
Sempre Aparecem Em Forma De Exagero
Rarara, Falei "Sempre" Também
Palavrões, Em Forma De Raiva
Gíria, Em Forma De Metáfora
A Boca É Um Tribunal Do Lamento
Do Erro e Do Arrependimento
Embora Ela Seja Desejo
Dela Também Sai Nosso Sustento.

Os mistérios meu e seu

Não há um só humano que não tenha na sua mente mistérios que lhe rondam constantemente. Há em todos nós perguntas sobre nós. Elas muitas vezes são segredos e outras vezes se expressam em dias de tristeza de ou alegria em gestos rápidos.

Talvez seja por isso que muitas mentes frágeis busquem na religião a saída que está em si mesma, daí tornam-se reféns do transcendente quando a verdade é uma linha frágil da vida que só se encontra quando nos encontramos consigo mesmo. Claro que nesse labirinto o erro é uma necessidade do convívio social que nos faz descobrir em certas circunstâncias muito mais que o acerto.

Eu, às vezes escrevo como agora estou para soltar minhas palavras ao mundo de maneira que as verdades guardadas em mim se tornem públicas. Não preciso de um livro sagrado e nem de conselhos para isso fazer. Meus sonhos e pesadelos são meus e de mais ninguém e não sei explicá-los por inteiro; eles se expressam no meu íntimo de forma distorcida como um filme de ficção.

Contentemo-nos em aprender, (des)aprender e aprender, para isso a saída é viver intensamente essa enigmática vida. A gente peca muitas vezes como por se enfrentar com nossa consciência e deixa nosso inconsciente se manifestar da maneira que achar melhor, nos rendemos as convenções e o cotidiano nos move como uma tempestade arrasta a pequena nau.

Há ainda aqueles que buscam uma substância que lhe dê uma resposta, um rumo; seja cigarro, cerveja, maconha, ópio ou quem sabe todas as drogas que entorpecem sua alma temporariamente e o destrói. Venho intuindo que o maior exercício da vida e o mais difícil é se olhar, é perceber-se a si mesmo. As vezes isso acontece quando estamos de frente com um psicólogo, terapeuta ou amigo, mas nunca é o suficiente.

A descoberta do eu é isso, somos insuficientes a nós mesmos, não nos bastamos e precisamos sempre do outro para aprender e nos responder o que em nós é vida.

Contra si dizer

Na misteriosa pergunta sobre si
Cada humano goza o direito de ser
O que é, e o que não é viver

A linha reta não existe
A vida é ônus e bônus
Prazer e desprazer

Ser é ter e não ter
É re-la-ção do viver
É o modo de colher

Esse doce amargo verbo
Já me fez ver a delícia
E o desprazer de ser você

É desafio se ver
No espelho da identidade
Nos faz estremecer

Façamo-nos então um convite
Respondamo-nos com alegria
A contradição que nos bate a porta todo dia.

Ingrata chuva

O temporal que encharcou a cidade
Molhou com força o asfalto e o cimento
O Kaos não mediu a força da maldade
Alagamento formou o engarrafamento

Ela não pediu licença ao chão
Nem dos pés cansados e descalços
O mendigo carregou seu colchão
Correu do relâmpago e seus percalços

A ingratidão da natureza ingênua
Se transformou na sociedade desigual
O céu e pediu a Zeus. Que pena!
Raios e trovões acabaram esfriando o quintal

A noite escura depois do raio
Deixou a cidade vazia
O gato preto miou não caio
E a amargura deixou a vida sóbria

A lua que apareceu por trás da nuvem
Fez sorrir aquela planta sedenta
O que mora na rua
Fez a fogueira à alma que esquenta.

Indefinível dia

Vinte e quatro horas
Passou mais um dia
Passou uma parte alegria
Ensolarado dia
Que muda de cor
Fecha uma canção
Uma foto ,uma selfie...
Um momento, um enquadramento
Um pano de paixão.

No dia que nascemos
Choramos ao sair
Depois quando crescemos
Aprendemos a sorrir
Choro, dor alegre do sorriso
Quando nasce o siso
No dia do livramento
Momento, vivemos na com sol e lua.

O dia não faz aniversário
Nem sai do armário
É a medida de tempo
vinte e quatro horas. Ora!
Infinito enquanto dura
Bonito no sol e na chuva
Na noite e na lua
Frequente e incerto
Irmão do tempo
está sempre aberto
incolor inodoro feio dia
Me deixe seguir na tua maresia
me de licença, vou dormir
Amanhã vai ser outro dia.

A felicidade dos pássaros

Um bando de pássaros passou na tarde
Foi uma revoada de cantando ao som do vento
A passarada não se afastava da harmonia
Doce desenho feito no céu
Quão lúdica passarinhada voando
Eles passarão e eu passaredo

Em busca do caminho

A pé eu vou seguindo
E se alguém for ao meu lado
Lhe prometo um aliado
Nas horas de cansaço
Ainda que com pé descalço
Sigo em frente lado a lado

A pé eu vou sorrindo
E se me der vontade de parar
Escolho um botequim de esquina
Faço xixi, peço um café e um pão
Tomo água e sigo minha sina

A pé eu vou andando
Sonhando procuro meu objetivo
E meu motivo é simples
Encontrar um novo sentido
Na estrada da vida empedrada
Que me ajude a encontrar meu motivo

A pé vou mais lentamente
Devagar, não tenho pressa de chegar
Posso contemplar a beleza das flores
O nascer do sol, a força da chuva
O canto dos pássaros e os novos sabores

A pé eu vou colhendo
Rosas, pedras, frutos e dividendos
Lentamente vou me recolhendo
Quando a noite vem caindo
E quando o sol vem raiando
Celebro o novo dia sorrindo.

Abel

A descoberta do meu tempo

Passei a conhecer meu corpo e meu tempo com o passar do tempo. Comecei a perceber que minha produtividade é mais diurna e por excelência matinal. No período de tempo vespertino produzo menos que o noturno, este que é de primeira meu tempo de maior inspiração, lugar onde residem minhas poesias, memórias, contos e por ai criação.

É claro que isso não é um esquema, esse texto nasceu pela manhã de uma quinta feira, ou seja, não é uma regra. Sabemos que a necessidade muitas vezes inverte tudo e os objetivos nos movem como lobos na madrugada. Sei também que há limite em tudo e em se tratando da máquina humana não é diferente.

O tempo do corpo é diferente do tempo da mente e os dois são diferentes do tempo da sociedade. Vivemos numa combinações de tempos que nos liberta ou nos aprisiona. Vive mais quem aproveita o tempo positivamente, a festa, a celebração, a arte, a contemplação. A habilidade de saber usar o tempo para ser feliz não é um imperativo. Poucos sabem seu tempo e o quanto ele nos ordena ou destrói com a força do trabalho e a força do dinheiro.

Tempo é dinheiro, tempo é lazer, tempo é paixão, tempo é celebração, tempo é saúde, tempo é criação, tempo é sabedoria, tempo é libertação.

Suas horas não são só suas, suas horas são vigiadas. Suas horas são salários, suas horas calculadas e fragmentadas. Quem compra o seu tempo, compra também seus sonhos quando tudo é feito no cálculo do tempo.

É porque ele é riqueza, é poder, é beleza e prazer. O tempo do dia e da noite se faz e se cria. Aí reside nossa libertação, somos escravos do tempo, do tempo material da vida, e já faz tempo que "não tenho tempo".

E ele nem se confunde com Deus, mas Deus nele surgiu e tudo emergiu nesse momento, em que o tempo do homem por ele criado é o tempo da vida lhe foi roubado para gerar um valor que lhe foi dado.

Trabalho, tripalium

Me ralho e me vigio

Encontrei um atalho

No qual me confio

Que o tempo pode ser

Inventado, reinventado...

Um dia quando eu morrer

Meu tempo será lembrado

Para a memória sair da prisão

Essa que rouba nosso tempo de libertação

Datado

Nasci datado,
Num dia de santo
Num lugar acamado
num local isolado
Num pano molhado

Faço aniversário
No ano e amando
a vida até quando
Me levar sonhando

A relação com o mundo
A natureza, me fala
Forma a beleza das pessoas
Dos amigos comigo
tudo em mim crio
e recrio minhas emoções

Na mesma data
quem somos?
por que somos?
tradição!
crenças!

Comemoro!
Doze de outubro,
como criança
Vapor, Fui calor,
clamor, andança
Ontem fui dor
hoje virei amor
Amanhã talvez

Oito mais oito é maior que dezesseis

A natureza de um dia não se define só pelo sol
Ou pelas nuvens claras ou escuras.
Se define pela verdade (humanidade) que ele diz
Há diferenças entre homenagear, presentear e reconhecer uma mulher
Diferenciar essas três palavras talvez seja o maior desafio dos homens

Homenagens e presentes são comuns no dia 8
E quem não gosta de ser presenteado?
Mas há aqueles que presenteiam hoje
E não reconhecem a grandeza mulheres e mães amanhã

Há àqueles que presenteiam num dia e agridem noutro
A homenagem em palavras viram por vezes letra morta em atitudes
um dia é pouco, muito pouco...

RECONHECER, admitir como verdade
A desigualdade, a maldade e a adversidade
que esse verbo transitivo direto lhe indica
é saber ler o oito, o gênero, a flor e o amor
ler uma mulher, milhares e múltiplas
É dever que atravessa nossa história
Em busca de um mundo onde a igualdade
Se torne nossa mãe rainha

Esperanças e decepções

O dia é como pêndulo
Ora um lado
Ora outro
As surpresas que pesamos
Tropeçamos, erramos, desgostamos
Nas pessoas.
Isso!
Pessoas são como coisas
Coisas são como pessoas
Nesse labirinto que habita nessa
A humanidade imperfeita

Porrada! A cara se fechou
Aquele cara me decepcionou
Momentos de transe no rosto
O leite me derramou
Olhei pra baixo e pedi paciência
O saco para limpar
A terra que caiu
Um saco aquele lugar
No click do relógio
Tudo começou a desmoronar

E o dia passando...
A noite caiu...
E na força do vento
A porta se abriu
A lua longe, lúgubre e linda
Raiou na noite preta
Naquele dia de treta
O andrógino ser desapareceu
Havia de encontrar o caminho

Meia noite
Vou dormir
Sim!
E ao fechar os olhos
Vou esperar de novo
Pois o mar é onda
Pedras, aves, sol e brisas.
O mar é solidão, contemplação.
E com anzol e rede
Nele mato a fome
e a sede anima meu coração
Nesse horizonte de rosto bifronte
Eu vou ter que me virar
E se eu me decepcionar
Vou acordar novamente e pescar
uma ideia, um ser, um amigo...
Até que o trovão acabe
E a pluma desça
No meu quintal
Repousando na minha flor.

O divã do corpo

O corpo é cor
No sol, na lua.
Na luz
É matéria
E não é oco!
Ele é tempo disposto
Novo velho corpo
Lisos e de pelos
Produtivo e noturno
"Corpos doces"
Nesse tempo único
Que conversa com o tempo
Da vida, da cidade, da idade...
Da imensa vontade
Que o espelho
(não revela)
Como o vagalume na noite.

Corpo
É inversão e submissão
Pé, rosto e mão.
Na hora do descanso
Manso amanso corpo
Alimento da alma
(mansidão)

Corpo laboral
Que deseja o ócio
Separa o negócio
O tempo que acalma
Pensamentos tensos
Do ser que habita em ti

Corpo ajoelhado
Suado, molhado
Amado, desejado
Fala por ti, fala por si
Percível, visível
Oh corpo amor
Dá-me o teu calor
Hoje choveu

O bebê quer mamar
Boca da fome e do desejo
O pé que te sustenta
Te leva a passear
O parque, a praça, a escola
Corpo presente, corpo de cristo
Corpo futuro, sete palmos.

Corpo desejo
Corpo suado
Corpo molhado
E mal amado
olho no corpo

(Pri)vada (in)vade o mundo

se o mundo não é privado
como ele foi comprado?
quanto foi o preço do mundo!
quem armou essa história
o "dono" de que? de quem?
privado esse pensamento
nenhum Deus disse quem era o dono
nenhum espírito assinou a posse

a propriedade tornou-se privada
se criou quando não tinha nada
separou o bem de todos
a terra, o ar, a água e o fogo
retirou o direito da natureza ser livre
ela! ficou ferida, dividida e poluída
pediu socorro.

o homem (des) humano
tirou a liberdade do mundo
privou a terra de ser quem é
os pássaros de fazerem o que quiser
as árvores de harmonizarem o ar
a felicidade da natureza e do homem
(se entristeceram)
quando o mundo será desprivatizado?
a culpa é de quem?

Abcesso

vamos passar um tempo
pra entender o que vivemos
não tá definido o que perdemos
nesse esquisito pensamento
besta, burro, estúpido
tudo, tudo é absurdo
nessa atmosfera quente
retrocesso
abscesso
separação
de irmãos e amigos
quando o inimigo caminha sorrindo
o povo se destruindo
a alma sangrando
nessa disputa intolerante.

Mais um na multidão

Às vezes no barulho do dia
Na correria da perna cansada
Encontro-me numa esquina vadia
Olhando o céu cinzento na calçada
Vozes e vendas, o som anuncia
Um garçom servindo aquela pescada.

Na poesia dos corpos em movimento
Sento e aperto o pause
Na velocidade dos automóveis
De tudo cego que me cause
Aprendo com o filme da lembrança
E recordo-me do meu tempo de criança.

Depois retomo a caminhada
E me ponho a pensar em nada
No vazio daquela calçada
Converso com a cena nublada
Olho o culto na igreja e o homem de terno na porta
Meu córneo entorta e sigo minha rota.

No outdoor à frente a propaganda apela
Ninguém me vê, na banca leio a revista
Mal vista aquela mateira do jornal
Nas fotos o político, a bunda e a capital
Anúncios, celulares nas mãos
Fones e l fones, o fútil e o banal.

Passa o carro da ambulância
O som berrante pedindo passagem
Como a guitarra de Gary Moore
A cidade abre a bagagem
Sonhos mortos, rostos doentes

Casas vivas, casas sem gente.

Não há lugar no mundo sem ela
Um amontoado de gente
Presente, passageiro rotineiro
Ônibus e linhas com ambulantes falantes
Da insuficiente rua que corta a avenida
Meus ouvidos seguem dormente.

Vou me embora para casa
Assovio a canção da aurora
Vem na minha frente um velho careca
E uma adolescente uniformizada
Ele muito cansado
Ela super suada
Porém a distância do tempo
Aumenta o vento e a chuva rápida
Molha tudo, para o movimento
Embaixo daquela marquise quebrada.
Abel

Solidão e paz

Parei na esquina barulhenta Olhei o movimento de carros e motos Pessoas e fotos Gritos e sons Tudo meio remoto Então um mistério... Solidão e paz não convivem? Paz sem solidão não existem? Estar só é solidão? Multidão e solidão não coabitam? A paz pode estar ali Na companhia do outro Na nossa companhia No amar-se bem do remédio Na singularidade do olhar pra si A casa no campo A Beira da praia O alto da montanha O silêncio da Mata O canto dos pássaros Podem ser ponto de encontro Entre o eu, o ele e o nós Só vós direis quem és Se encontrar não é fácil Homem - homem Homem - natureza Mulher - homem Rara beleza O gênero e a espécie O todo e a parte A mente e corpo Não esquece. Agora eu sei Liberdade tem ego E eu não me entrego A procurar sossego (Este!) Começa quando?! Cansado da espécie Dá estúpida humanidade desumana Presa aos dramas desencontrada do segredo de si que vive da fofoca dos outros (Eu!) Tantas vezes reles Tantas vezes vil Encontro na paz de mim No meu aconchego. Abel

Encouraçado

Ao homem Serguei
E a Nau Potekim

No tempo da ditadura
A imagem era pura
Preto no branco
Foi feito o filme assim
Aquele encouraçado
Trazia o corpo suado
Do marinheiro revoltado
Dos corações amordaçados
Contra a cena do déspota

O marujo contestou
Refez seu sentido de explorado
Efeitos especiais
Eisenstein encouraçado
Volúpias de cenas gigantes
De vozes mudas retumbantes
Contra a carne podre
De homens vítimas da fome
Cortam a ferro e fogo de pés
A vontade de mudar a vida.

De dentro do navio
Armado na cura da ferida
A bandeira vermelha tremulou
rumo a Odessa preterida
O sonho não se prostrou
Punhos fechados na escotilha
Esquerda volver
A bombordo o motim

A busca do pelo poder
Naquele domingo sangrento
A revolução de 17 começou a florescer.